UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

LUCAS YURI SILVA REIS

VOGUING E CULTURA BALLROOM
INSERÇÃO NO CONTEXTO ACADÊMICO BRASILEIRO

VITÓRIA

2019

LUCAS YURI SILVA REIS

VOGUING E CULTURA BALLROOM
INSERÇÃO NO CONTEXTO ACADÊMICO BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Paiva

VITÓRIA

2019

LUCAS YURI SILVA REIS

VOGUING E CULTURA BALLROOM:
INSERÇÃO NO CONTEXTO ACADÊMICO BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Educação Física - Bacharelado, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em 13/12/2019

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.ª Dr.ª Fernanda Simone Lopes de Paiva

Prof. M.e Bruno de Almeida Faria

Prof.ª Dr.ª Karen Calegari Santos Campos

Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desportos
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário - Goiabeiras
Vitória/ES
Cep. 29075-910

Este trabalho é dedicado a toda a comunidade do *Voguing Brasil* e à minha *house*, *Casa Marvix*, que me ajuda a promover a cultura *ballroom* e o *voguing* em solos capixabas.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo localizar e conhecer o que está posto no ambiente acadêmico acerca de publicações que se relacionem aos temas *voguing* e cultura *ballroom* por meio de levantamento em bases de dados online, com a consequente sistematização e análise dos textos encontrados. Para tal, primeiro é contextualizado o histórico desses movimentos a partir de referências que os projetaram para o mundo na década de 90: o documentário *Paris Is Burning* e o videoclipe e a música *Vogue* da Madonna. No levantamento das publicações acadêmicas no Brasil que falassem desses temas, foram selecionados treze textos considerados relevantes para o propósito deste estudo. A construção de critérios de classificação para o agrupamento desses textos favorece o acesso aos temas e indica que esse é um assunto recente. O cenário do *voguing* e do *ballroom* no Brasil não é facilmente veiculado e se afasta da hegemonia das mídias, mas, ganha força, principalmente com as novas possibilidades de divulgação através da internet.

Palavras chave: Dança. Gênero. Sexualidade. *Paris Is Burning. Vogue*. Voguing. Cultura *Ballroom*.

ABSTRACT

This monograph aims to locate and know what is placed in the academic environment of publications that related to the Voguing and Ballroom Culture topics by means of online data collection followed by systematization and analysis of the found writings. Firstly, the history of these movements is contextualized from references that has projected them to the world in the 90's decade: the Paris is Burning documentary and Madonna's music and video clip Vogue. In the Brazilian academic publications survey that were on those themes, thirteen writings considered relevant for this study were selected. The construction of classification criteria for grouping these writings favors the access to the themes and indicates it is a recent matter. Voguing and Ballroom's scenario is not easily shown and goes away from mediatic hegemony but, has gained strength mostly by the new means of propagation through internet.

Keywords: Dance. Gender. Sexuality. Paris Is Burning. Vogue. Voguing. Ballroom Culture.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 8
1.1. Itinerários do pesquisador ao encontro de seu tema 8
1.2. Do objeto pesquisado: notas preliminares e problematização 14
2. OBJETIVOS 24
3. METODOLOGIA 26
4. CLASSIFICAÇÕES 33
4.1. Quanto à área do conhecimento 33
4.2. Quanto às fontes utilizadas 40
4.3. Quanto aos assuntos tratados 44
5. SÍNTESE REFLEXIVA 48
6. CONCLUSÃO 60
REFERÊNCIAS 63

1. INTRODUÇÃO

1.1. Itinerários do pesquisador ao encontro de seu tema

Muito se tem sido discutido e pesquisado dentro da área da Educação Física aproximando as temáticas dança, gênero e sexualidade. De certo modo, é um tema ainda incipiente, que parece ganhar fôlego nas últimas décadas tanto pelo fato de que a discussão sobre a dança é relativamente recente dentro da academia, como também pelo momento cultural em que estamos, no qual sociedade passa a olhar com maior interesse para as questões de gênero e sexualidade, fortemente influenciados por um discurso atrelado ao feminismo e à manifestações e posicionamentos das minorias sociais, em especial os LGBTQIA+[1].

Quando comecei a esboçar minhas primeiras ideias para a produção do trabalho de conclusão de curso, descobri rapidamente que meus interesses caminhavam também nesse sentido. Vindo de um contexto no qual me identifico como homem gay, sou parte dessa minoria. Soma-se a isso o fato de que logo no meu primeiro ano de universitário, me vinculei a um projeto de extensão que tinha como objeto questões relacionadas às violências para com as minorias sociais. Desde então, minha curiosidade voltou-se para o estudo de referências teóricas que me permitissem explorar a temática das minorias, do gênero e da sexualidade. Também acrescento aqui o fato de que desde antes a minha entrada na universidade, a dança já era para mim uma valiosa ferramenta de expressão, bem como meu principal objeto de interesse dentro das práticas corporais. Era também meu desejo aprofundar conhecimentos em algo a ela relacionado.

[1] Esta é provavelmente a versão mais atualizada da sigla comumente utilizada pelo movimento político e social de inclusão das minorias de diferentes orientações sexuais e de identidades de gênero. Suas letras significam: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e o símbolo + como forma de abrigar todas a demais possibilidades de expressão de sexualidade e gênero.

Portanto, este trabalho se produziu na articulação da minha inserção nesses três campos – da dança, das minorias e das discussões de gênero e sexualidade; campos esses que me fornecem contribuição valiosa para completar essa importante etapa do meu processo de formação como professor de Educação Física. Nele me coloco, então, como artista, dançarino e pesquisador.

Minha relação com a dança é intensa, mas, ao mesmo tempo, relativamente recente. Enquanto homem – gênero masculino -, parecia que a dança era um universo que, de alguma forma, me era negado. Dancei desde a adolescência, principalmente a partir de vídeos na internet, fiz algumas aulas pontuais, mas só me tornei aluno regular em uma escola de dança, de fato, aos 18 anos. Até então, o que eu fazia se aproximava das danças urbanas, executando coreografias de videodança de artistas de música pop. Foram elas que me abriram algumas oportunidades e me proporcionaram o contato com diferentes linguagens nas danças urbanas.

As primeiras aulas regulares foram de ballet clássico, dança que eu também admirava a muito tempo, mas que antes não tinha acesso, por motivos que só hoje sou capaz de compreender. A vivência tardia provavelmente deriva das normas de gênero. Como sabemos, o ballet clássico na cultura brasileira é tido no imaginário popular como uma dança pertencente ao universo feminino, tanto em termos de dançarinas como de audiências.

Como aluno regular, com o tempo, fui tendo contato com outras modalidades como o jazz e a dança contemporânea. Rapidamente, passei a dançar também em um contexto profissional. Era perceptível a diferença em que os papéis de gênero atuavam com força na dança espetáculo, no que era dançado no palco. Era uma dança completamente diferente daquela que eu tinha feito até antes de entrar na escola de dança. No ballet clássico, por exemplo, isso aparecia muito fortemente. Se, vendo de fora, no ballet pareciam operar normas que diziam ser esta prática apenas

feminina, por dentro, nos palcos, eu entendia que ainda assim homens e mulheres se comportavam de maneira diferente. Existiam claras condutas masculinas e femininas no ballet, passos que cabem apenas ao homem, floreios e movimentos apenas femininos.

Vivendo esse universo, e já motivado pelas discussões iniciadas nas disciplinas no curso de bacharelado em Educação Física, me incomodava a naturalidade com que tudo isso era separado na dança que eu vivia, aparentemente sem o mínimo de questionamento. Essas atitudes e comportamentos, tidos como femininos ou masculinos eram postos em discussão na universidade, mas não na dança que eu fazia.

Então, meus primeiros projetos para o trabalho de conclusão de curso vieram dessa minha vivência com as danças acadêmicas, e em específico, com o ballet clássico. Neles, pude encontrar referencial teórico valioso, de autores que discutiam o assunto dança, gênero e sexualidade e me auxiliaram a compreender alguns fenômenos que observei em minha trajetória, inclusive o meu início tardio na dança, que não era exceção à regra. Vejamos.

Andreoli (2011), por exemplo, é autor brasileiro que se preocupou em investigar essas questões, especialmente as expressões de masculinidade na dança. Ele traz uma reflexão importante sobre o fato de o meio social não trazer estímulos para que o homem se insira no contexto da dança; na verdade, para o autor, o meio social atua como uma barreira. Diz ele:

> Tais “barreiras” para a inserção dos homens na dança foram referenciadas geralmente ao meio social, como a família, os amigos, ou cônjuges. Através de uma forte regulação da vida desses sujeitos, a partir de normas de gênero, esse entorno social atuou, ao longo de suas vidas, como elemento marcante (ANDREOLI, 2011, p. 166).

Além disso, Andreoli (2011) pontua a associação entre a dança e a homossexualidade (muitas vezes tida a partir de uma ótica pejorativa e homofóbica). Nesses termos, homem que dança é taxado de homossexual; homem que dança é menos homem. Aqui temos uma sinalização para a questão da sexualidade, mas também do senso estético. Exemplifico com o que observo nas entrelinhas do dia a dia, em diálogos com bailarinas e bailarinos com o qual tenho contato pessoal: é praticamente unânime a opinião de que o homem que dança com trejeitos e movimentações ditas como femininas não é tido como belo. O feminino é lindo, mas o afeminado não. Coloca-se aqui uma espécie de contradição, se considerarmos o quanto é frequente a aproximação de homens gays com a dança.

A esse respeito, Burt (2007) explicita que a muito tempo se é um tabu falar sobre isso e que os mecanismos que operam a aproximação de homens com a dança, sejam como bailarinos ou como expectadores, são complexos e, não raramente, esbarram na questão da homossexualidade. No que tange a discussão dança e sexualidade, ele observa que já há uma quantidade significativa de trabalhos sobre esse assunto; entretanto, quando a questão da sexualidade se expressa como homossexualidade, essa tematização ocorre em menor quantidade e com menor frequência, não sendo veiculados tão facilmente nas grandes mídias. Como consequência, as formas do se expressar masculino na dança ficam limitadas aos estereótipos do controle e a dominação sobre os corpos femininos por meio de um vocabulário de dança duro e pouco variado (BURT, 2007). Também assim observo e vivi na minha experiência como dançarino.

Ainda sobre as aproximações do homem com a dança, Hanna (1999, p.181) considera que a dança “partilha com outras artes uma hierarquia de prestígio relacionada com o papel sexual”, sendo a arte que embora aceite mais facilmente homens gays e mulheres - expressões de gênero e sexualidade que em determinado momento a autora se refere como “sexos mais fracos” (sic) – ainda existe forte hierarquia que favorece homens héteros. Há consenso entre Burt (2007) e Hanna (1999) na constatação de que os homens em geral ocupam as posições de maior poder e

prestígio dentro da dança, mesmo essa sendo prática de um universo tido como feminino.

Para dar um exemplo, Hanna (1999) explicita o fato de que a grande maioria dos homens interessados em dança em geral são gays e, ao mesmo tempo, constata que heterossexuais continuam ocupando os papéis de destaque como solistas e primeiros bailarinos, enquanto os gays são apenas corpo de baile. E apresenta como uma possível explicação para isso advém das transformações sofridas pela sociedade pós Revolução Industrial, nas quais se configurou uma representação de masculinidade baseada na produtividade e se geraram modelos que entendiam a homossexualidade com aversão (HANNA, 1999).

Muito em função disso, Andreoli (2011) comprova uma necessidade implícita de o homem que dança estar sempre atestando sua virilidade e masculinidade por meio de sua conduta, tanto fora da dança quanto dentro dela, bem como outras maneiras de justificar a escolha pela dança, ainda que seja pelo fato de “ser muito bom” (sic).

Essa primeira aproximação com a literatura me fez observar que foi interesse desses três autores propor configurações tidas como inovadoras dentro da dança cênica (BURT, 2007; HANNA, 1999; ANDREOLI, 2011), principalmente relacionadas à dança contemporânea em que, por exemplo, mulheres carregam outras mulheres e até mesmo carregam homens, em demonstração de força e altivez, ou propostas em que os homens são colocados para dançar na ponta.

Esses foram valiosos registros que me direcionaram tanto na teoria quanto na prática, já que eu mesmo me encontrava trabalhando profissionalmente como bailarino em uma companhia de dança contemporânea. Mas, ainda assim, esse contato inicial com esses autores parecia insuficientes para sanar meus curiosos anseios. Havia uma

lacuna na investigação desses corpos e nessa manifestação de masculino: o recorte desses autores se restringia a dança espetáculo e quando muito, às danças rituais, nas quais os papéis de gênero veiculados são fortemente associados ao papel sexual. Hoje, entende-se como distintas as manifestações sobre gênero e sobre sexualidade. Percebia essa distância quando eu as pensava fora do espaço das ditas danças acadêmicas, das danças que eram pensadas para o palco. Bastava um pequeno afastamento desse contexto e eu já me deparava com outra realidade.

Minha curiosidade era também tocada pelas manifestações que representassem cultura urbana (afinal, foi de lá que eu vim), aquela que dizia respeito às manifestações espontâneas tal qual eu vivenciava quando dançava em um contexto puramente social, sem o caráter cênico, no qual facilmente eu observava condutas e expressões de gênero e sexualidade que se afastavam das normas vigentes e das propostas da dança acadêmica. Carecia, a meu ver, uma investigação que considerasse esse aspecto das danças.

Volto a falar, pois, das danças urbanas, ainda fortemente presentes na minha vida àquela altura do início da minha graduação. Elas eram expressão de uma cultura não hegemônica, na qual diferentes formas de aproximação do homem com a dança estavam em vigor. Era essa minha vivência que mais alto falava na busca de compreender as relações entre a dança e as manifestações de gênero e sexualidade.

O nome *vogue* já me era bastante familiar. Já dominava um pouco do vocabulário dos complexos e precisos movimentos de braços que havia aprendido dançando coreografias em eventos de danças urbanas, em cursos e workshops. Eu ainda não sabia, mas aquele contexto de sala de aula, tanto da formalização das aulas de danças acadêmicas quanto das questões discutidas sobre gênero e sexualidade na minha formação como bacharel, muito pouco significavam se comparados ao vasto universo que eu viria a conhecer em 2016, quando tive a oportunidade de presenciar

uma *ball*, pela primeira vez, como espectador, no Rio de Janeiro. Tamanho foi o meu encanto que, poucos meses mais tarde, naquele ano, em Belo Horizonte, arrisqueime a participar das batalhas, e fui entendendo que aquela talvez fosse a dança que eu estava procurando, que seria capaz de dar vazão aos meus anseios expressivos, tantos os pessoais como os profissionais e, também, dar corpo a minha curiosidade acadêmica e investigativa.

O que eu via nos eventos das *balls* colocava em xeque todo o discurso sobre as representações hegemônicas de masculinidade que eu conhecia. Neles, mesmo que em uma breve primeira impressão era possível perceber, por exemplo, o enaltecimento de corpos masculinos afeminados. Enxerguei ali uma oportunidade única para dialogar com os autores que me auxiliaram inicialmente a partir da análise de um fenômeno cultural e social que obedecia a uma lógica distinta do que eles propunham. Nas *balls*, fui oficialmente apresentado à cultura do *voguing* no Brasil, consagrando-se então as condições de possibilidade para consolidar a tematização do meu interesse de pesquisa.

1.2. Do objeto pesquisado: notas preliminares e problematização

Paris Is Burning[2] (1990) é um marco para o *ballroom*[3], sendo hoje a principal referência para falar desse movimento. A primeira definição que aparece nos minutos iniciais desse filme e que é "Gays, homens, reúnem-se debaixo de um mesmo teto e decidem criar uma competição[4] entre eles: *Balls*"[5]. Dirigido por Jennie Livingston, o filme faz

[2] O filme pode hoje ser acessado através da plataforma Netflix.

[3] Refere-se inicialmente à cultura dos bailes do subúrbio do Harlem, em Nova York. Mais à frente o termo é discutido a fundo.

[4] Essas competições se aproximavam, inicialmente, de desfiles de moda e concurso de beleza.

[5] Tradução livre de "Gay people, men, gather together under one roof and decide to create a competition amongst themselves. Balls."

um recorte da cena *ballroom* estadunidense, assim intitulada a partir do filme, cujas filmagens foram feitas no final dos anos 80, sendo lançado em 1990. Do recorte de uma comunidade drag do subúrbio de Nova Iorque para o mundo, o documentário ganhou prêmios e faz um relativo "barulho". Na ocasião, os holofotes voltaram-se, ainda que por um breve momento, para aquele universo de uma cultura marginal.

O filme foi alvo de importantes críticas e, até hoje, é analisado dentro e fora do ambiente acadêmico. Cada pesquisador e cada área podem levantar diferentes discussões a partir do filme, embora a maior parte deles o aborde relacionando-o a questões de gênero e sexualidade. Também eu o considerei como um dos objetos centrais para os meus estudos, visto que é uma das obras que tematiza parte do fenômeno *voguing* e das *balls* que eu passava a vivenciar no Brasil. Além disso, sendo um documentário, apresenta com riqueza e linguagem própria as diferentes aproximações do homem com a dança dentro de um universo LGBTQIA+.

A obra é, provavelmente, o primeiro elemento que dá visibilidade e apresenta a cultura *ballroom* e o *voguing* ao mundo. Por isso, aqui o tomo de empréstimo para apresentá-la e problematizá-la. Assim, neste tópico, ao mesmo tempo em que descreverei aqui minhas motivações pessoais e observações que fomentaram o interesse em pesquisar o tema, tomarei o filme como principal referência para apresentar e ilustrar a existência dessa cultura, bem como para explicar os conceitos e contexto.

O filme se vale do recurso de anunciar as figuras centrais dessa história, as categorias da ball e outros conceitos importantes através de subtítulos[6], dentre os quais, nosso ponto de partida são os conceitos de *ball* e cultura *ballroom*. Apresenta-nos o filme:

[6] Considerando que todas as citações deste tópico são retiradas do filme Paris Is Burning (1990) elas não serão repetidamente referenciadas.

> "Uma ball significa ser qualquer coisa que você queira ser. Em uma ball você tem a chance de mostrar sua arrogância, sua sedução, sua beleza, sua sagacidade, seu charme e sua inteligência. Você pode se tornar qualquer coisa, e ser qualquer coisa, aqui e agora, e isso não será questionado. Eu vim, eu vi, eu conquistei. Isso é uma ball."[7]

A *ball* é o evento, o acontecimento pano de fundo para o desenrolar de todos os elementos dessa cultura. As figuras do filme narram a importância das *balls* em suas vidas e como tudo está relacionado com um desejo de fama, de estrelato e glamour, situação distante das vidas desses sujeitos.

Jennie Livingston retrata um contexto marginal em sua maioria de homens gays e negros no bairro do Harlem, subúrbio novaiorquino. Muitas vezes jovens, expulsos de casa por uma família que não aceita sua sexualidade, encontrando-se em situação de pobreza extrema, que ainda assim se reuniam nas casas de festa para performar como *drag queens*[8] e ter sua noite de fantasia.

Em determinado momento, um personagem diz que a *ball* é o mais próximo da realidade que eles conseguiriam chegar, sendo a "realidade" a fama, a riqueza e o glamour veiculados pela mídia naquela época.

Isso tudo é muito distante da realidade daqueles sujeitos, que muitas vezes mal são capazes de se sustentar sozinhos. Como resposta da própria cultura, essa população

---

[7] Tradução livre de "A ball is the very word. Whatever you want to be, you be. So at a ball you have a chance to display your arrogance, your seductiveness, your beauty, your wit, your charm, your knowledge. You can become anything and do anything, right here, right now, and it won't be questioned. I came. I saw. I conquered. That's a ball."

[8] São aqui chamadas drag queens todas as manifestações performáticas no contexto do ballroom, embora a maior parte das categorias de performance se afaste em muito da figura da drag queen no imaginário popular.

começou a se organizar em estruturas familiares, nas quais as *drags* mais velhas e mais experientes acolhiam os jovens que muitas vezes realmente não tinham onde morar. Esses grupos, então, passam a se chamar casas[9], e muitas vezes, de fato, moram sob o mesmo teto.

> "Uma casa? (...) Elas são famílias, você pode dizer isso. Elas são família para várias crianças que não tem famílias. Mas esse é um novo sentido de família. (...) Não é uma questão de um homem, uma mulher e filhos, que crescemos entendendo como família. É sobre seres humanos em um vínculo comum."[10]

Deste modo, pertencer a uma casa significa também herdar o sobrenome escolhido pela mãe ou pai daquela casa. A exemplo, o filme cita nomes como: "Labeija", "Xtravaganza", "Ninja", "Pendavis"[11]. Ao mesmo tempo, as casas funcionavam também como uma marca para os grupos no momento das *balls*, onde cada um entrava para desfilar ou competir sob o nome da casa a qual fazia parte. E por consequência, quanto mais prêmios os sujeitos conquistassem com o nome da casa, mais famoso seria o nome daquela casa.

Com o passar do tempo, as *balls* crescem e passam a abarcar outras expressões de gênero e sexualidade, bem como outras etnias e minorias sociais. Isso leva a uma necessidade de se criarem novas categorias de competição que não apenas o produzir-se *drag*, já que muitos dos que participavam das *balls* não tinham mais o

---

[9] Do inglês "House", que ainda é comumente utilizado para se referir as "houses/casas" famosas advindas desse contexto.

[10] Tradução livre de "A house? (…) They're families, you can say that. They're families for a lot of children who don't have families. But this is a new meaning of "family" (…) It wasn't a question of a man and a woman and children, which we grew up knowing as a family. It's a question of human beings in a mutual bond.

[11] Do inglês: "House of Labeija", "House of Xtravaganza", "House of Ninja", "House of Pendavis".

mesmo interesse e nem disponibilidade para se produzir como as *drag queens* que competiam inicialmente.

> "Eventualmente, durante o ano do calendário das balls, todos eles caminharam na runway em uma categoria ou outra. Ou você tem um bom corpo, ou você é muito estiloso, ou muito bonito, ou parece muito autêntico. Mas sempre tem algo para todo mundo. E é isso que faz eles continuarem vindo." [12]

Assim, as categorias das *balls* são organizadas para que diferentes sujeitos pudessem caminhar e ter a chance de se expressar. A exemplo, o filme cita algumas: "autenticidade escolar", "cidade e fazenda", "autenticidade", "homens de *drag* pela primeira vez"[13]

Em minhas experiências pessoais, observo que o ambiente das *balls* por vezes é palco de constantes conflitos ao esbarrar em uma série de estereótipos, no qual, contraditoriamente, são reproduzidas marcas de um modo de vida hegemônico. Mas, ao mesmo tempo, é também lugar de aceitação e acolhimento, no qual os sujeitos têm a chance de se expressar nas mais diferentes performances. Diferentes categorias levantam diversas questões, mas, ao mesmo tempo, favorecem o processo de identificação desses sujeitos.

---

[12] Tradução livre de "Eventually, over the course of a year's balls, they've all walked the runway in some category or another. Either you've got a nice body or you are very fashionable or you're very pretty or you're very real looking. But there's always something for everyone. And that's what keeps them all coming."

[13] "Do inglês: "Schoolboy/schoolgirl Realness", "Town and Country", "Realness", "Butch Queen First Time in Drag at a Ball".

Ainda sobre os conceitos enunciados no filme, avançamos finalmente para *voguing*, que aparece tanto como um subtítulo quanto como uma das categorias da *ball* de principal destaque retratadas na obra de Jennie Livingston.

> "Voguing veio do veneno, porque era uma dança entre duas pessoas que não se gostavam. Ao invés de brigar, você resolveria dançando isso na pista. Basicamente, quem fizesse os melhores movimentos estava soltando o melhor veneno."[14]

A citação acima é uma explicação do estilo de dança feita por Willi Ninja, uma das protagonistas do filme e considerada uma das mais importantes figuras para a dança *voguing* no mundo. Embora não seja explicado de maneira clara o que seja "jogar veneno", de acordo com o filme, entende-se como uma forma sútil de soltar ofensas e críticas, recurso fortemente utilizado na dança, através de movimentos. O nome da dança vem da revista Vogue e ela se caracteriza por sequências de movimentos precisos e com muitas poses, se assemelhando a fotos de modelos.

Está, pois, apresentada a cultura *ballroom*, com base no filme *Paris Is Burning*. Merece menção, ainda, a música e o videoclipe da cantora Madonna intitulados "*Vogue*" (1990), lançados no mesmo ano do documentário e que, de certa forma, contribuíram para projetar essa cultura para o mundo.

O videoclipe possui em seu elenco bailarinos da cena *ballroom* norte americana. Coube a eles idealizar a coreografia para a música que, em sua letra, dá visibilidade

[14] Tradução livre de "Voguing came from shade, because it was a dance that two people did because they didn't like each other. Instead of fighting, you would dance it out on the dancefloor. And whoever did the better moves was throwing the best shade, basically."

à “dor da vida” e a possibilidade de “superá-la” na pista de dança, convidando o ouvinte para dançar e se expressar[15].

Chamo atenção para o fato de que essas duas referências, no entanto, são retratos que se relacionam a contextos muito específicos. O filme é um recorte de determinado momento do auge da cena *ballroom* em Nova York e a música e o clipe são um trabalho musical e artístico produzido a partir dessa cultura, mais focado em dar visibilidade a sua “proposta” do quem em abordá-la como fenômeno sócio-cultural. Também é preciso dizer que essas obras representam um momento histórico distante do atual, que é meu interesse maior em relação ao tema.

Pois bem, entre a época das duas produções citadas e o final da primeira década dos anos 2000, quando tive contato com o *voguing* pela primeira vez, houve um hiato no qual não há registros de obras de grande visibilidade que tematizassem a dança e a cultura *ballroom*. Mas, as questões de gênero, do racismo, da violência e dos direitos humanos permaneceram em pauta por outras vias, de modo a permitir que o *voguing* esteja de novo em voga. O fenômeno da globalização aliado à popularização da internet e ao acesso à informação deram-lhe um outro tipo de visibilidade e facilitaram sua circulação. A internet disponibilizou velhas e novas produções audiovisuais sobre o *voguing* e a cultura *ballroom*. Além disso, navegando, também é possível encontrar outros tipos de documentos que a registram e divulgam. Isso é importante posto que, se tratando de uma cultura marginal, seus elementos não são facilmente veiculados pela televisão, por exemplo. Rápida pesquisa no Google sobre *voguing* e cultura *ballroom* retornam inúmeros materiais produzidos em português relacionados a esses termos, matérias de blog e sites de notícia, páginas de dança, vídeos no youtube.[16]

---

[15] Videoclipe de Madonna disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GuJQSAiODqI

[16] Como exemplos, as matérias dos sites: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/12/voguing-ganha-minorias-de-sao-paulo-impulsionada-pela-serie-pose.shtml e https://www.redbull.com/br-pt/vogue-debate-sobre-genero-e-classe

Foi, afinal, nesse contexto que tive contato com a dança e a cultura das *balls*. Por meio de sites e redes sociais, me conectei com pessoas de outras partes do país que também tinham interesse em *voguing*, me juntei a grupos para discutir, inicialmente à dança *voguing*, mas que com o tempo também passaram a falar de temas relacionados a cultura *ballroom*. Por meio da internet, conectamos os interessados e favorecemos a organização de *balls* por diversas cidades do Brasil.

O tema pode não ser de conhecimento comum do público em geral, mas um olhar atencioso revela que elementos desse universo têm sido referenciados e utilizados inclusive nos trabalhos de artistas musicais com relativa influência midiática, principalmente na música pop. Outros artistas, além de Madonna, já se inspiraram na cultura das *balls* e essa inspiração se materializa e se dá a ver em videoclipes, letras e performances durante os shows. Rihanna e FKA Twigs[17] são exemplos.

Outro importante destaque é a possibilidade de acesso à produções por serviços de *streaming* como o Netflix. O recém adicionado *Pose* e o seriado *RuPaul's Drag Race*, ambos ainda direcionados ao seu nicho, apenas pelo fato de se encontrarem na plataforma, favorecem o acesso por outros públicos. Vale registrar que o documentário *Paris Is Burning*, tratado neste tópico, também está disponível na plataforma.

Retomando: me deparei com o *voguing* e a cultura *ballroom* neste contexto bastante favorável, propiciado pelas conexões e compartilhamentos. Somada as minhas vivências e a aproximação prática com o que estava sendo formado nesse universo no Brasil, eu poderia sem grandes esforços aprender sobre a história da dança ao me conectar com amigos de outros estados. Encontrar registros de *balls* que aconteciam

[17] Videoclipe da música de FKA Twigs disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cNbFc-fa-ww

do outro lado do mundo também era simples, bastava digitar as palavras certas num sistema de busca.

Era meu desejo tratar desse assunto também a nível acadêmico. As possibilidades de discussão são muitas, se pensadas, por exemplo, em como a cultura marginal e a dança tem se constituído como um espaço de enfrentamento político em oposição às culturas hegemônicas. Pode-se então, traçar paralelos com a cultura hip-hop, que possui diversas semelhanças, inclusive a relação com a dança. Ou ainda, como era meu desejo inicial, investigar como as questões de gênero e sexualidade parecem atuar nesse universo e comparar com o que é concebido como norma.

Depois de ter tido contato e estudado diversas questões sobre gênero e sexualidade na dança, encontrei uma cultura que parecia já de alguma forma ter superado todas essas questões, ou ao menos avançado as discussões para um outro âmbito. O *ballroom* tratava as diferentes expressões de gênero e sexualidade com maior liberdade e se legitimava cada vez mais como espaço de afirmação de identidades.

Decidi que trataria do tema no meu trabalho de conclusão de curso. Investigaria, de alguma forma, os processos que se desenrolavam dessa dança e cultura no Brasil. A primeira tarefa era, então, verificar outras plataformas, agora já pensando como universitário, que houvessem se dedicado a abordar essa cultura. Mas, mesmo com tantas novas possibilidades para conhecer sobre o *voguing* e o *ballroom*, percebi rapidamente que esse quadro não era tão promissor no universo acadêmico.

As minhas primeiras pesquisas por artigos a respeito da temática não retornaram resultados relevantes em português. Nenhum texto parecia tratar diretamente do assunto, e o único resultado que se aproximava do tema utilizava como referência os aqui citados *Paris Is Burnirng* e o videoclipe da Madonna, mas que não avançava além

disso para tratar do *voguing* e da cultura *ballroom* como fenômenos existentes em território brasileiro. Sendo mais direto: em primeira sondagem para levantamento de literatura específica sobre o tema, nada encontrei que registrasse ou indicasse a existência do *voguing* e tampouco do *ballroom* no país. Além disso, eu constatava uma série de diferenças quanto ao que acontece no *voguing* e no *ballroom* norte americano em relação ao que experienciei em minhas vivências com as *balls*, de modo que não seria suficiente analisar as referências que tratavam desses fenômenos nos Estados Unidos para tentar entender o que acontecia no Brasil.

Eu identificava, afinal, uma fragilidade no contexto acadêmico sobre um tema que muito me interessava, que poderia de antemão ser o gancho para a produção da minha pesquisa. Por isso, ao invés de seguir adiante com discussões a partir das questões de dança, gênero e sexualidade no *voguing*, ou mesmo com outras possibilidades que enxerguei como, por exemplo, traçar paralelos entre as manifestações dessa cultura no Brasil e nos Estados Unidos, optei por dar um passo para trás. Primeiro, focaria meus estudos em procurar compreender o que os termos *voguing* e cultura *ballroom* significam no contexto brasileiro, sob a ótica do universo acadêmico.

Delineava-se então a necessidade de realizar um trabalho para revisar o que está posto de literatura sobre *voguing* e cultura *ballroom* no Brasil na qual, através de busca em bases de dados, poderia se identificar e sistematizar o que já existe publicado no meio acadêmico sobre esses assuntos no país.

2. OBJETIVOS

O desejo inicial de desenvolver uma pesquisa a fim de estudar as manifestações de gênero dentro de uma cultura, perante a dificuldade de encontrar materiais relevantes para discorrer a partir do *voguing*, rapidamente se transformou em uma necessidade localizar, conhecer e organizar o que fosse possível encontrar de produção acadêmica sobre esses assuntos, colocando os autores em diálogo e dando luz a um movimento que há alguns anos já se manifesta e ganha força no Brasil, mas com sua própria especificidade. Nesse sentido, esse estudo possui relevância ao passo que propõe investigar, sistematizar e dar visibilidade no âmbito acadêmico para uma cultura que historicamente se constituiu à margem das culturas hegemônicas.

Em linhas gerais, o objetivo é elaborar uma sistematização e consequente análise inicial do que poderia ser entendido como cultura *voguing* ou cultura *ballroom* no Brasil a partir da verificação das produções acadêmicas em português sobre a temática. Sou motivado pela aparente carência, ou no mínimo dificuldade de encontrar publicações que tratem desse assunto e, mais a fundo, que comprovem a existência dessa cultura em um contexto brasileiro.

A proposta é traçar um panorama sobre essas manifestações nas discussões acadêmica por meio da análise de artigos, dissertações e teses, observando suas peculiaridades e qual sentido elas tomam, também como maneira de conferir legitimidade acadêmica à existência de uma prática cultural e de dança. É meu interesse, pois, falar de um universo que vivencio, entender no Brasil onde estão os pesquisadores interessados em documentar e estudar esse fenômeno que há algum tempo já se manifesta no país, mas que, por se tratar de uma cultura não hegemônica, não é tão facilmente veiculado.

A questão geradora que me move é investigar as apropriações expressas para os termos *voguing* e *ballroom*, e de que maneira eles podem ser pensados em uma

relação com a Educação Física. E, se não na Educação Física, onde se encontra sendo discutida essa temática, tão ligada ao corpo e ao movimento, dentro do ambiente acadêmico?

Ainda nos fôlegos finais, é proposta desse estudo abrir, ainda que brevemente, um pouco das discussões sobre o estágio do *voguing* e do *ballroom* a partir das literaturas encontradas, almejando suscitar reflexões que possam indicar de que maneira esses movimentos se estruturam no Brasil. Para isso, pretende-se traçar linhas comparativas e identificar as relações entre o interesse de discussão dos trabalhos analisados e as referências já citadas para tratar dessa cultura[18], que falam de um contexto específico.

[18] Refiro-me às produções que utilizei para delinear e contextualizar o *voguing* e o *ballroom* no tópico 1.2, sendo estas: *Paris Is Burning* e o videoclipe de *Vogue* da Madonna.

3. METODOLOGIA

A pesquisa que desenvolvi pode ser considerada como exploratória, descritiva e de caráter documental, sendo classificada como uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2002) já que suas fontes documentais são estritamente textos acadêmico, aqui considerados, artigos, monografias, dissertações e teses. Lakatos e Marconi (2008, p.58) consideram que a pesquisa bibliográfica é relevante porque ela “propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Por isso, ela é passo importante para todos os outros tipos de pesquisa (GIL, 2002). Considera-se, também, que sua realização permite uma cobertura mais ampla de material em relação a outros tipos de pesquisa de caráter direto, sendo essa a principal vantagem do processo de levantamento de dados e consequente revisão de literatura. É a revisão de literatura que promove a reflexão acerca de uma temática que em princípio não é tão discutida, com publicações aparentemente dispersas no espaço.

Outro destaque feito por Gil (2002) é que, quando um estudo é feito a partir de fontes secundárias, ele possui a fragilidade de trabalhar informações que podem se distorcer (como reprodução da reprodução). Portanto, uma forma de reduzir ao máximo essas imprecisões e/ou distorções é dedicar um momento do estudo ou o próprio estudo (estudo de revisão) para a análise e discussão das referências (já) encontradas. Nesse processo, os autores selecionados são postos em diálogo entre si, sendo a contribuição da pesquisa bibliográfica fazer a análise de concordâncias e divergências, apontando possíveis incoerências, mas também aquilo que vai dando consistência a uma discussão.

Os textos que compuseram o corpus documental da pesquisa atenderam ao recorte temático e idiomático e foram assim acessados em bases de dados acadêmicas, a saber:

- Catálogo de Teses e Dissertações Capes

- Portal de Periódicos Capes

- Qualis Periódicos

- Scielo

Nessas bases, não delimitei um recorte temporal, embora minha expectativa fosse encontrar publicações apenas a partir de 1990, o que se confirmou. Também não delimitei recorte por área de conhecimento, sendo selecionados aqueles trabalhos que fizessem alusão ao *voguing* e a cultura *ballroom* e pudessem promover alguma compreensão satisfatória sobre as questões relacionadas a temática em território brasileiro. A pesquisa se deu por consulta às bases de dados online, partir dos termos "*vogue*", "*voguing*", "*ballroom*", "*cultura ballroom*" e, posteriormente, "*Paris Is Burning*". A inclusão do filme como palavra-chave poderia abrir a possibilidade de encontrar resultados não diretamente relacionado ao meu tema, entretanto, poderiam ser relevantes para ampliar a compreensão sobre o filme e apoiar as buscas sobre os assuntos pesquisados.

Cabe esclarecer que, dada a relação com a revista, no Brasil os dançarinos e os recursos midiáticos tratam a dança tanto como "*vogue*" quanto "*voguing*". Embora no documentário que tomei como referência a dança seja referida apenas pelo segundo termo, optei por realizar minha busca contemplando os dos dois termos. Pontuo, também, que os termos "*ballroom*" e "cultura *ballroom*" foram escolhidos para pesquisar possíveis publicações que tratassem da cultura como um todo, não focando a busca apenas no universo da dança, como os termos "*vogue*" e "*voguing*" poderiam sugerir. Assim, em se tratando de um vasto mapeamento, poderia incluir na minha varredura todas as manifestações corporais dentro do universo das *balls*.

A busca de artigos na plataforma Scielo não retornou nenhum resultado para o termo "*voguing*", e resultados não relacionados ao estudo proposto com o termo "*vogue*",

geralmente apenas como tradução para o inglês da palavra voga, ou que de alguma forma citavam a Revista Vogue. Os outros termos também não localizaram resultados relevantes.

A pesquisa no Portal de Periódicos Capes localizou 41 artigos em inglês, e a maior parte deles eram estudos sobre o *voguing* e a cultura *ballroom*. São, portanto, um indicador de que, embora ainda tímida, a temática já é objeto de estudo em outros lugares. Com outras combinações de termos como "vogue" e "dança" foi possível encontrar dois textos em português.

A busca na plataforma Catálogo de Teses e Dissertações da Capes localizou um texto com o termo "*voguing"* e um texto relacionado a cultura *ballroom* e ao nosso objeto de interesse com o termo "*vogue*". Cabe registrar que, também nesta base, vários textos localizados pelo termo "*vogue*" dizem respeito a utilização, em inglês, da palavra voga, no sentido de estar na moda.

No sistema Qualis Capes, encontrei duas revistas relacionadas à dança que poderiam ter alguma menção aos termos ("Dança" e "Repertório: Teatro e Dança", ambas vinculadas à Universidade Federal da Bahia - UFBA). Na plataforma de pesquisa do site da revista "Dança" foi encontrado um artigo a partir do termo "*vogue*".

A pesquisa a partir de "Paris Is Burning" em geral me retornou os mesmos artigos aqui já descritos, mas havia outras publicações que propunham análises a partir de óticas que se afastavam em muito do objetivo desse estudo, sem citar o *voguing* e o *ballroom*, portanto optei por desconsiderar como objeto de análise.

Esse processo de busca resultou na construção de um quadro referencial para a consubstanciação do levantamento e a identificação de qual publicação foi encontrada

em qual plataforma de dados. Em detalhes, o processo e os textos encontrados podem ser conferidos abaixo:

Plataforma de Pesquisa	Referência Bibliográfica	Tipo de publicação
Scielo	Scielo não retornou nenhum resultado para o termo "voguing", e nenhum resultado relevante que se relacionasse ao tema com os demais termos.	**Nenhum trabalho disponível**
Portal de Periódicos Capes	PARRINE, Raquel. Construção de gênero, laços afetivos e luto em Paris Is Burning. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1419-1436, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44832>. Acesso em: 2 de jun. de 2019.	Artigo
	DE SÁ, Simone Pereira; DE PAULO, Rodolfo Viana. Strike a pose! A mediação do videoclipe "Vogue" em performance do Carnaval carioca. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v.16, n.46, p.376-396, mai./ago. 2019. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1901>. Acesso em: 18 de ago. de 2019.	Artigo
Catálogo de Teses e Dissertações CAPES	FERNANDES JÚNIOR, Aroldo Santos. **Biscoitos Caseiros:** Camp, Solidão e Violência nas videoperformances caseiras “Rest of your Life” “Single Man Dances to Single Ladies” e “Madimoizele Gessyu – Sorte”. 2012. 111 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Dança e Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8939>. Acesso em: 12 de nov. de 2019.	Dissertação de Mestrado
	CRUZ, Izabel Marques. **O FERVO TAMBÉM É LUTA:** A questão da identidade no Duelo de Vogue em Belo Horizonte. 2017. 95 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos). Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5638214>. Acesso em 15 de jun. de 2019.	Dissertação de Mestrado
	CORRÊA, Ademir Silveira. **Cinema Queerité:** Gêneros e Identidades Minoritárias no Documentário Paris is Burning. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo. Disponível em: <http://sitios.anhembi.br/tedesimplificado/handle/TEDE/1747>. Acesso em: 17 de jun. de 2019.	Dissertação de Mestrado
	SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms.** 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada na área de Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/331699>. Acesso em: 19 de jun. de 2019.	Dissertação de Mestrado
Qualis Periódicos	BERTE, Odailso. Vogue: dança a partir de relações corpo-imagem. **Dança**, Salvador, v. 3, n. 2 p. 69-80, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/13338>. Acesso em: 2 de jul. de 2019.	Artigo

Dada a escassez de publicações disponíveis nas plataformas oficiais, optei por ampliar a busca em duas direções: focar na área da Educação Física e ampliar a busca na rede. Para o primeiro intento, elegi os anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, por ser o congresso mais consolidado da área e, por nele poder acessar textos acadêmicos advindo de um público diversificado (considerados aqui territorialidade, área de interesse e mesmo idade, já que muitos alunos e alunas participam desse evento). Para o segundo intento, evitando fugir das diferentes formas de publicação que a rede comporta, elegi o Google Acadêmico como suporte da busca.

Na busca feita nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte não localizei nenhum artigo com os termos utilizados, o que parece um indicativo de que o tema não tem sido pesquisado na área da Educação Física.

Já no Google Acadêmico localizei um número muito maior de textos além dos já encontrados nas plataformas oficiais escolhidas. Neste momento, entretanto, foi necessária análise mais cuidadosa para investigar a procedência dessas publicações e o que elas tinham como objeto de estudo. Observei que em vários desses textos os termos pesquisados apareciam de modo superficial, às vezes apenas mencionados, não se tratando, portanto, de textos que estudassem ou abordassem o *voguing* e/ou cultura *ballroom*. Esse tipo de texto foi desconsiderado. Entretanto, a busca no Google Acadêmico permitiu a localização de mais 6 textos em português que não apareciam nas bases já pesquisadas.

Como resultado dessa segunda rodada para ampliação da varredura, produzi o seguinte quadro:

Plataforma de Pesquisa	Referência Bibliográfica	Tipo de publicação
Anais CBCE	Anais CBCE não retornou resultados para nenhum dos termos utilizados na pesquisa	**Nenhum trabalho disponível**
Google Acadêmico	DE LIMA, Edson Flávio Guilherme; OLIVEIRA, Natália Cybelle Lima. Dance your PhD 2017: Uma análise da representatividade de gênero e sexualidade no vídeo "Pop, Dip and Spin: The Legendary Biosensor For Forensic Sciences". **temas IMESC**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 44, jan. 2018. Disponível em: <http://www.imesc.sp.gov.br/Revistas/RevistatemasIMESC-JUN2018.pdf#page=44>. Acesso em: 12 de jul. de 2019	Artigo
	SALES, Nicolas; MELLO, Jamer. A voz queer no documentário Paris Is Burning. **Revista Passagens**, Ceará, v. 8, n.1, p. 1-18, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/passagens/article/view/20247>. Acesso em: 20 de jul. de 2019	Artigo
	SIERRA, Jamil Cabral; NOGUEIRA, Juslaine Abreu; MIKOS, Camila Macedo Ferreira. Paris still Burning? – Sobre o que a noção de performatividade de gênero ainda pode dizer a um Cinema Queer. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 18, n. 38, p. 26-49, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2231>. Acesso em: 10 de jul. de 2019	Artigo
	CAMARGO, Cléia de Andrade. **Cultura Hip Hop:** A influência da dança de rua na motivação dos praticantes da cidade de Curitiba. 2014. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3182/1/CT_COEFI_2014_1_02.pdf>. Acesso em: 22 de jul. de 2019.	Trabalho de Conclusão de Curso
	BRUNO, Igor Valentim. **Concepções heteronormativas de gênero masculino e suas implicações nas aulas de dança**. 2018. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/191975/TCC%20Igor.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 de jul. de 2019.	Trabalho de Conclusão de Curso
	BERTE, Odailso. **Corpos se (mo)vendo com imagens e afetos:** dança e pedagogias culturais. 2014. 338 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4070>. Acesso em: 1 de ago. de 2019.	Tese de Doutorado

As duas rodadas de buscas foram realizadas ao longo de 2019, com última conferência de todas elas no mês de Agosto[19]. Com elas, então, reuni um total de 6

[19] Houve uma exceção no acesso do primeiro trabalho encontrado na plataforma Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, do autor Fernandes Junior (2019). O trabalho não estava disponível para ser

artigos, 2 trabalhos de conclusão de curso e 5 teses e dissertações. Portanto, 13 produções acadêmicas compõem o *corpus* documental dessa pesquisa.

O passo seguinte se consistiu na leitura de todo os textos encontrados e selecionados, com o intuito de organizá-los de forma a traçar um panorama sobre o que está posto sobre o tema. Para tal, realizei primeiramente uma leitura de reconhecimento, seguida de uma análise de conteúdo, buscando pontuar os temas abordados e alocá-los em categorias, primeiro de acordo com a principal área de conhecimento interessada na produção desse material em função da temática abordada; mas, também, agrupando-os por linha de discussão, o que posteriormente me auxiliou a desenvolver reflexões a partir dos seus conteúdos, aproximando ou confrontando esses autores e percebendo de que maneira eles dialogam.

A análise e a categorização são o propósito desse estudo, e o que permite que eu contribua na sistematização dos conhecimentos produzidos acerca do *voguing* e do *ballroom* no Brasil, além de investigar quais são os principais interesses da academia para com essa dança e cultura.

acessado através da plataforma de pesquisa, portanto foi inicialmente desconsiderado. Foi encontrado, no entanto, após a primeira revisão do texto da monografia, diretamente no repositório da UFBA, com seu acesso em 12 de Novembro de 2019. Deste modo, sua análise foi acrescentada ao estudo posteriormente.

4. CLASSIFICAÇÕES

4.1. Quanto à área do conhecimento

Para o processo de categorização dos textos, procuramos primeiro responder uma pergunta simples e direta: Qual a origem dos textos? Assim, o primeiro passo foi separá-los por área do conhecimento. Nesse processo, as publicações foram agrupadas em três blocos principais.

Dada a natureza desse estudo e sua relação com a Dança e a Educação Física, foi a partir delas que agrupei os primeiros textos. Nesta área temática identifiquei um artigo na área da Dança (BERTE, 2014) e dois trabalhos de conclusão de curso na área da Educação Física (CAMARGO, 2014; BRUNO, 2018). Vejamos.

Em seu artigo, Berte[20] (2014a) tematiza a dança "*vogue*" a partir do documentário Paris Is Burning e do videoclipe da Madonna, com o objetivo de analisar as relações corpo-imagem e corpo-mídia a partir dessa dança.

A pesquisa de Camargo (2014) teve como proposta investigar a motivação dos praticantes de danças de rua em Curitiba. Para tal, ela trabalha com a historicização das danças de contexto urbano, e em determinado momento desse processo ela cita o voguing como parte desse universo, fazendo breve descrição de como ele se desenvolve, olhando sempre de uma perspectiva da dança.

O trabalho de Bruno (2018) pretendeu discutir como as concepções heteronormativas de gênero influenciam na adesão de homens à dança. Por meio de uma pesquisa

[20] O autor Berte possui dois trabalhos acadêmicos referenciados neste estudo. Para melhor compreensão de qual texto está sendo referenciado, utilizarei o recurso de tratar do artigo como "2014a" e da tese, tratada posteriormente, como "2014b".

qualitativa, ele entrevistou homens praticantes de *voguing* e de *stiletto*, em Florianópolis e, nesse processo, se deparou com um grupo que se organiza de forma análoga às estruturas de *houses*. Foi proposta de seu texto também traçar um panorama histórico, e para isso ele se utilizou do documentário de Jennie Livingston e do texto de Berte (2014a).

O segundo bloco de publicações tratava dos textos cuja objetivo e as áreas de conhecimento interessadas se aproximavam das ciências humanas, em específico às ciências sociais. A maior parte dos textos que localizei podem ser agrupados aqui. São eles: cinco publicações relativas à área da comunicação (PARRINE, 2017; SALES; MELLO, 2017; CORRÊA, 2017; DE SÁ; DE PAULO 2018; DE LIMA; OLIVEIRA, 2018) e um texto de um programa de mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos (CRUZ, 2017). Fato interessante é que todos os textos neste bloco são de um mesmo momento e relativamente recentes.

A publicação de Parrine (2017) faz análise do documentário "*Paris Is Burning*" e suscita válidas discussões sobre a socialização a partir da construção de laços afetivos e questões relacionadas a gênero. Possui algumas breves menções à dança *voguing* (citada no texto como "*vogue*"), mas não foi foco da autora o aprofundamento de discussão dessa prática.

Sales e Mello (2017) focam também no documentário, propondo uma aproximação dos temas cinema e estudos *queer*. É, portanto, mais um texto que aborda o filme de maneira geral, com foco voltado para outras questões dentro da comunicação, de modo que os termos *voguing* e *ball* aparecem de maneira pontual. Não há menção do termo "*ballroom*", nem a sugestão do entendimento de essa ser uma cultura específica.

A dissertação de mestrado de Corrêa (2017) é mais um estudo que se debruça sobre a obra de Jennie Livingston, analisando-a de maneira semelhante a Sales e Mello

(2017), com base na ótica do cinema, levantando com o filme reflexões que tratam de teoria *queer* e assuntos relacionados às expressões de gênero e sexualidade não hegemônicas. É um trabalho extenso de análise do filme, em que as palavras "*voguing*", "*vogue*", "*ballroom*" aparecem com frequência, mas todas tratando apenas desse recorte do documentário, em Nova York no final da década de 80.

Os três textos deste bloco citados até aqui tomam o filme como principal fonte de análise e elaboram questões semelhantes relacionadas ao gênero e sexualidade. O trabalho de De Sá e De Paulo (2018) segue em outra direção. Ele não tem *Paris Is Burning* como elemento central do estudo e toma como fonte o videoclipe da Madonna para a música *Vogue*, relacionando-o primeiro com o *ballroom* e a dança *vogue/voguing* e, em seguida, com o carnaval de escolas de samba, que também pegam emprestado elementos desse universo em suas coreografias. O trabalho aproxima o *voguing* já de um contexto brasileiro, uma vez que, para explicar sobre a dança, são utilizadas referências de mídias brasileiras, além de tratar de sujeitos do carnaval do Rio de Janeiro.

É preciso dizer que o texto de De Lima e Oliveira (2018) é um artigo que tem a particularidade de ter sido produzido com autores de áreas distintas, sendo um da comunicação e a outra da medicina. Os autores discorrem sobre um vídeo produzido no Brasil a partir de uma tese de doutorado em medicina, intitulado: "*Pop, dip and spin: The Legendary Biosensor For Forensic Sciences*". O vídeo, que se utiliza da linguagem do *voguing* como recurso para explicar o conteúdo da tese, é analisado nas suas representatividades sob a ótica da visibilidade das minorias sociais. Para tal, é traçado no texto todo um panorama histórico sobre *voguing*, embora não existam menções de essa ser uma dança ou cultura existente no Brasil.

Por fim, neste bloco está ainda o texto de Cruz (2017), que estuda uma manifestação cultural brasileira que se aproxima do *voguing*. Seu trabalho fala, pois, de um recorte da cena LGBT da cidade de Belo Horizonte, em específico da "Dengue", uma festa na qual ocorre o "Duelo de Vogue", sendo esse elemento que toma como inspiração

direta a cultura ballroom norte americana. O olhar é direcionado para a análise das subjetividades advindas dessa festa, principalmente as relacionadas às expressões de gênero e sexualidade, e a pesquisa se estrutura como uma etnografia, na qual os relatos dos sujeitos inseridos nesse contexto (autora e frequentadores da festa) são pertinentes para entender como essa cultura começou a se desenvolver naquela cidade. As competições de vogue são elemento central no texto, que também relata como a festa desenvolveu categorias, de maneira análoga ao que era feito no Harlem em Nova York, embora não exista uma preocupação em reconhecer o que acontece dentro da festa como uma *ball*.

Por fim, o terceiro bloco refere-se ao agrupamento dos textos de Fernandes Junior (2012), a tese de doutorado de Berte (2014b), Sierra et. al. (2016) e Santos (2018). Os dos primeiros estão relacionados as artes, sendo o primeiro das artes cênicas e o segundo de um programa de Artes e Cultura Visual. Já os textos mais recentes estão relacionados à Educação, Letras e Linguagem. Foram aqui agrupados por serem todos advindos de áreas que consideram a linguagem como ponto central em seus estudos.

Fernandes Junior (2012) é o autor da produção acadêmica mais antiga encontrada. Seu texto é proposto como uma escrita-performance no qual o autor busca refletir sobre diversos assuntos relacionados a performatividade e a sua vivência gay a partir da análise de três videoperformances de produção caseira, todas disponíveis no youtube. As palavras *voguing* e *vogue* aparecem na análise de um dos vídeos estudados, *“Single Man Dance to Single Ladies”*, quando ele se utiliza de *Paris Is Burning* para falar sobre essa dança e relacionar alguns de seus elementos com a performance do dançarino no vídeo. No entanto, a dança executada no vídeo não é considerada no texto como sendo *voguing*, já que se trata de uma coreografia reproduzida de outro videoclipe.

O segundo trabalho agrupado neste bloco é a tese de doutorado de Berte (2014b), autor que teve outro texto compondo o *corpus* documental dos textos por mim

levantados e que aloquei no primeiro bloco de área do conhecimento, que nominei Dança e Educação Física. Sua tese de doutorado não se relaciona diretamente a temática do *voguing* ou do *ballroom*, por tratar de tema muito mais amplo ao fomentar reflexões sobre corpo-imagem relacionadas a cultura pop, performativdade e pedagogias culturais. *"Vogue"* (como chamado pelo autor) aparece na tese de maneira muito mais aprofundada em relação ao que foi produzido no seu artigo (2014a) mas, ainda assim, apenas como um dos tópicos do estudo. As referências utilizadas são o documentário de Jennie Livignston e, principalmente, a música e o videoclipe da Madonna.

O texto de Sierra et. al (2016) propõe, como muitos outros aqui citados, uma análise a partir de *Paris Is Burning*. Dessa vez, os autores se direcionam para referências teóricas como Butler e Foucault para discutir a performatividade de gênero a partir da performance *drag* registrada no documentário. No texto, o foco é tratar da cultura *ballroom* como é vista em Nova York, principalmente no momento histórico dos anos 90, com a produção do filme. Assim, as palavras a esse contexto chave *voguing* e *ballroom* aparecem relacionadas. A música e videoclipe de Madonna estão entre as referências audiovisuais do estudo.

Embora em diferentes blocos, Santos (2018) se utiliza de um recorte muito semelhante ao de Cruz (2017), e este é outros dos trabalhos com a maior possibilidade de ajudar a entender o fenômeno do *voguing* e do *ballroom* no Brasil, já que esse é, basicamente, o foco central da sua pesquisa. O objetivo foi tratar do processo de transnacionalização do *ballroom* norte americano, em especial no seu desenvolvimento brasileiro. Em outras palavras, ele traça comparativos e analisa como essa cultura é percebida e fomentada no país, considerando as diferenças regionais, idiomáticas e, no geral, de contexto, que fazem com que o *ballroom* se desenvolva por aqui com características próprias. Ao mesmo tempo, analisa o papel da linguagem dentro desse processo e como ela se torna dispositivo de controle dentro dessas comunidades. Para desenvolver seu extenso estudo, o autor se utiliza de uma série de referências ao falar de cultura *ballroom*, dentre as quais é valido citar:

dois outros documentários além de *Paris Is Burning* e uma série de textos acadêmicos em inglês que tratam do tema e aprofundam as informações acerca do surgimento da cultura na América do Norte, bem como recursos informais de websites e canais de vídeo para tratar do tema no Brasil. Além disso, foi feita também uma pesquisa de campo no evento BH Vogue Fever 2016, em Belo Horizonte, com observação dos workshops de dança e da *ball* de encerramento.[21]

Delineados os blocos que remetem ao critério "áreas de conhecimento" nas quais se originam os textos acadêmicos desse levantamento, temos então os seguintes quadros:

Quanto à área do conhecimento	Textos (por autor, título e ano)	Área
EIXO 1 Dança e Educação Física	BERTE, Odailso. Vogue: dança a partir de relações corpo-imagem. **Dança**. 2014.	Dança
	CAMARGO, Cléia de Andrade. **Cultura Hip Hop:** A influência da dança de rua na motivação dos praticantes da cidade de Curitiba. 2014.	Educação Física
	BRUNO, Igor Valentim. **Concepções heteronormativas de gênero masculino e suas implicações nas aulas de dança**. 2018.	Educação Física

[21] Gostaria de registrar aqui que essa foi a primeira *ball* em que eu competi.

Quanto à área do conhecimento	Textos (por autor, título e ano)	Área
EIXO 2 Ciências Humanas e Ciências Sociais	PARRINE, Raquel. Construção de gênero, laços afetivos e luto em Paris Is Burning. **Revista Estudos Feministas**. 2017.	Comunicação
	SALES, Nicolas; MELLO, Jamer. A voz queer no documentário Paris Is Burning. **Revista Passagens**. 2017.	Comunicação
	CORRÊA, Ademir Silveira. **Cinema Queerité:** Gêneros e Identidades Minoritárias no Documentário Paris is Burning. 2017.	Comunicação
	DE SÁ, Simone Pereira; DE PAULO, Rodolfo Viana. Strike a pose! A mediação do videoclipe "Vogue" em performance do Carnaval carioca. **Comunicação, Mídia e Consumo**. 2019.	Comunicação
	DE LIMA, Edson Flávio Guilherme; OLIVEIRA, Natália Cybelle Lima. Dance your PhD 2017: Uma análise da representatividade de gênero e sexualidade no vídeo “Pop, Dip and Spin: The Legendary Biosensor For Forensic Sciences”. **temas IMESC**. 2018.	Comunicação
	CRUZ, Izabel Marques. **O FERVO TAMBÉM É LUTA:** A questão da identidade no Duelo de Vogue em Belo Horizonte. 2017.	Estudos Culturais Contemporâneos
EIXO 3 Artes e Linguagem	FERNANDES JÚNIOR, Aroldo Santos. **Biscoitos Caseiros:** Camp, Solidão e Violência nas videoperformances caseiras “Rest of your Life” “Single Man Dances to Single Ladies” e “Madimoizele Gessyu – Sorte”. 2012.	Artes Cênicas
	BERTE, Odailso. **Corpos se (mo)vendo com imagens e afetos:** dança e pedagogias culturais. 2014.	Artes e Cultura Visual
	SIERRA, Jamil Cabral; NOGUEIRA, Juslaine Abreu; MIKOS, Camila Macedo Ferreira. Paris still Burning? – Sobre o que a noção de performatividade de gênero ainda pode dizer a um Cinema Queer. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**. 2016.	Linguagem e Educação
	SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms.** 2018.	Linguagem

4.2. Quanto às fontes utilizadas

Identificadas as áreas do conhecimento envolvidas na produção dos textos, percebi que seria necessário avançar nos critérios de classificação que me permitissem atribuir-lhes diferentes graus de relevância, de acordo com o tipo de pesquisa desenvolvido.

Nessa perspectiva, o passo seguinte foi identificar as fontes que estavam dando suporte ao estudo do *voguing* e da cultura *ballroom*.

Os textos foram agrupados em dois grandes eixos: o primeiro se referindo aos estudos cuja fonte principal da obtenção de dados foi a pesquisa de campo que, de acordo com Gil (2002), se estrutura usualmente a partir da observação das atividades de um grupo e de entrevistas com sujeitos desse grupo. Ainda com base nas definições do mesmo autor, o segundo eixo comporta os trabalhos que produziram pesquisa documental, que pode se apoiar na consulta dos mais diversos tipos de fontes.

Identifiquei e agrupei, portanto, cinco trabalhos que realizaram pesquisa de campo para reunir informações relacionadas ao *voguing* e ao *ballroom* e analisá-las, sendo estes: Bruno (2018), Camargo (2014), Cruz (2017), Santos (2018) e De Sá e De Paulo (2019). Nestes estudos, as técnicas de pesquisa empregadas envolvem entrevistas, participação e observação de sujeitos e contextos que se utilizavam da linguagem da dança *voguing*. Neste grupo, vale retomar que Camargo (2014) produziu uma pesquisa de campo voltada às danças urbanas de maneira geral, sem foco no *voguing* ou *ballroom* mas, essas apareceram como retorno da observação em campo, já que são estilos possíveis dentro da dança de rua.

Já os textos de Fernandes Junior (2012), Berte (2014a e 2014b), Sierra et. al. (2016), Parrine (2017), Sales e Mello (2017), Corrêa (2017) e De Lima e Oliveira (2018), ao

investigar aspectos da cultura ballroom e do voguing, realizaram como recurso principal, uma pesquisa através de documentos. As discussões são geradas por meio da análise de produções visuais (documentários e vídeos em geral) e referencial teórico em forma de publicações e livros, site e blogs, matérias para jornais ou outros veículos midiáticos.

Gil (2002) destaca que os procedimentos da pesquisa de campo geralmente são conjugados com a consulta de outros documentos. Corroborando com o autor, todos os textos, inclusive os alocados no primeiro eixo “pesquisa de campo”, se utilizam de algum tipo de documento para ilustrar e produzir narrativas sobre o *voguing* e o *ballroom*. Deste modo, senti a necessidade de aprofundar as investigações nesses eixos para compreender em específico que tipos de documentos estavam sendo utilizados, e de que maneira.

Assim, em uma subcategoria, foram agrupados os textos que possuem o documentário *Paris Is Burning* como cerne para a análise do *voguing* e da cultura *ballroom*, ou que de alguma forma se utilizam do filme como referência para falar sobre esses fenômenos. Dos textos consultados, apenas o de Camargo (2014) não recorre de maneira alguma ao documentário.

Já que a maior parte dos textos se vale da obra de Jennie Livingston, procurei compreender se havia alguma diferenciação no trato dado ao filme. Identifiquei que Fernandes Junior (2012), Berte (2014a e 2014b), Cruz (2017), Santos (2018), Bruno (2018) e De Sá e De Paulo (2019) tomam *Paris Is Burning* como referência na forma de um suporte narrativo para se identificar e contextualizar o universo do *voguing* e do *ballroom*. Já os demais autores, a saber: Sierra et. al. (2016), Corrêa (2017), Sales e Mello (2017) e Parrine (2017) são os autores cujos estudos utilizam especificamente o filme como fonte, trabalhando-o primordialmente como objeto da análise.

Há também um grupo de textos que possui o videoclipe *Vogue*, de Madonna, para explicar e tratar de algum aspecto da cultura *ballroom*. Neste grupo estão os dois trabalhos de Berte (2014a e 2014b), Sierra et. al. (2016) e De Sá e De Paulo (2018). Esses textos também trabalham com o documentário como referência, mas dão especial destaque à produção de Madonna para falar sobre a dança *voguing*. *Vogue* da Madonna também aparece de maneira incidental em: Fernandes Junior (2012), Cruz (2017), Corrêa (2017), Parrine (2017), Santos (2018) e De Lima e Oliveira (2018). Nesses textos, no entanto, não é dado o mesmo destaque de análise para o videoclipe como nos primeiros textos incluídos neste grupo.

Em um pequeno grupo de publicações foi possível identificar a utilização de outras fontes como referência para a construção do panorama histórico do voguing e do ballroom. Para isso, Sierra et. al. (2016) e Santos (2018) citam ao menos dois outros documentários[22], a saber, *How do I Look* de Wolfgang Busch e *The Agressives* de Daniel Peddle.

Além disso, os textos de Cruz (2017), Bruno (2018), Santos (2018), De Sá e De Paulo (2019) valeram-se de outras fontes, principalmente na forma de vídeos de divulgação, matérias para jornais ou outros veículos midiáticos. Como outros exemplos, temos: o texto de Camargo (2014) no qual é utilizada como fonte uma revista sem cunho acadêmico que não pôde ser verificada; o trabalho de De Lima e Oliveira (2017), no qual os autores analisam um vídeo produzido a partir da linguagem do *voguing*, embora o vídeo não seja utilizado como referência para explicar sobre a dança ou sobre o ballroom - na verdade, não fica claro quais são as fontes utilizadas para contextualizar o assunto.

[22]Os documentários citados não foram acessados durante a produção desse trabalho. Ambos estão disponíveis para aquisição na plataforma Amazon Prime Video.

É válido destacar que Santos (2018) foi o único autor que se valeu de artigos acadêmicos sobre o tema publicados em inglês para retratar e retraçar a gênese do *voguing* e do *ballroom* no contexto norte americano.

Com relação ao critério de classificação “fontes utilizadas”, temos então os seguintes quadros:

Quanto às fontes utilizadas	Textos (por autor, título e ano)	Utiliza *Paris Is Burning*	Utiliza *Vogue* da Madonna	Outras Fontes
EIXO 1 Pesquisa de Campo	CRUZ, Izabel Marques. **O FERVO TAMBÉM É LUTA:** A questão da identidade no Duelo de Vogue em Belo Horizonte. 2017.	Sim	Sim	Websites; Outros veículos midiáticos
	SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms.** 2018.	Sim	Sim	Documentários; Referencial Bibliográfico em Inglês; Websites; Vídeos no youtube
	DE SÁ, Simone Pereira; DE PAULO, Rodolfo Viana. Strike a pose! A mediação do videoclipe "Vogue" em performance do Carnaval carioca. **Comunicação, Mídia e Consumo**. 2019.	Sim	Sim	Websites; Vídeos no youtube
	BRUNO, Igor Valentim. **Concepções heteronormativas de gênero masculino e suas implicações nas aulas de dança**. 2018.	Sim		Website
	CAMARGO, Cléia de Andrade. **Cultura Hip Hop:** A influência da dança de rua na motivação dos praticantes da cidade de Curitiba. 2014.			Revista não acadêmica

Quanto às fontes utilizadas	Textos (por autor, título e ano)	Utiliza *Paris Is Burning*	Utiliza *Vogue* da Madonna	Outras Fontes
EIXO 2 Pesquisa Documental	SIERRA, Jamil Cabral; NOGUEIRA, Juslaine Abreu; MIKOS, Camila Macedo Ferreira. Paris still Burning? – Sobre o que a noção de performatividade de gênero ainda pode dizer a um Cinema Queer. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras.** 2016.	Sim	Sim	Documentário
	BERTE, Odailso. Vogue: dança a partir de relações corpo-imagem. **Dança**. 2014.	Sim	Sim	_
	BERTE, Odailso. **Corpos se (mo)vendo com imagens e afetos:** dança e pedagogias culturais. 2014.	Sim	Sim	_
	FERNANDES JÚNIOR, Aroldo Santos. **Biscoitos Caseiros:** Camp, Solidão e Violência nas videoperformances caseiras "Rest of your Life" "Single Man Dances to Single Ladies" e "Madimoizele Gessyu – Sorte". 2012.	Sim	Sim	_
	PARRINE, Raquel. Construção de gênero, laços afetivos e luto em Paris Is Burning. **Revista Estudos Feministas**. 2017.	Sim	Sim	_
	DE LIMA, Edson Flávio Guilherme; OLIVEIRA, Natália Cybelle Lima. Dance your PhD 2017: Uma análise da representatividade de gênero e sexualidade no vídeo "Pop, Dip and Spin: The Legendary Biosensor For Forensic Sciences". **temas IMESC**. 2018.	Sim	Sim	_
	CORRÊA, Ademir Silveira. **Cinema Queerité:** Gêneros e Identidades Minoritárias no Documentário Paris is Burning. 2017.	Sim	Sim	_
	SALES, Nicolas; MELLO, Jamer. A voz queer no documentário Paris Is Burning. **Revista Passagens**. 2017.	Sim	_	_

4.3. Quanto aos assuntos tratados

Terminada esta etapa, os textos foram selecionados a partir dos assuntos tratados, fossem estes o tema principal da pesquisa ou elementos discutidos em partes do estudo.

Um primeiro grupo de textos foi formado a partir do eixo gênero e sexualidade, contendo as publicações em que os autores se interessaram em discutir essas questões, relacionando-as com a cultura *ballroom* e o *voguing*. Dez textos do total das publicações analisadas possuem alguma preocupação nesse sentido.

Há textos nos quais essas questões são centrais há aqueles nos quais são tratadas de forma transversal ou incidental.

Os textos que as tomam como uma questão mais central, são as publicações de Fernandes Junior (2012), Sierra et. al. (2016), Sales e Mello (2017), Corrêa (2017), Parrine (2017), De Lima e Oliveira (2018) e Bruno (2018). O interesse dessas publicações em se tratar de temáticas relacionadas a gênero e sexualidade pode ser visto já no título dos trabalhos, ao se utilizarem dessas palavras ou de termos relacionados. Os textos de Cruz (2017) e Santos (2018) não problematizam como tema central essas questões, entretanto, seus trabalhos dedicam uma parte específica (capítulo/tópico) a elas. Já o texto de De Sá e De Paulo (2019) esbarra nas questões de sexualidade, mas não aprofunda nenhuma discussão a respeito.

O segundo eixo temático que busquei encontrar nos textos foi alguma discussão sobre dança. A exemplo do primeiro eixo temático, também encontrei aqui textos que possuíam discussões mais ampliadas sobre a dança, de um modo geral, e em específico o *voguing*. São estes: Camargo (2014), ambos os textos de Berte (2014a e 2014b), Bruno (2018), De Lima e Oliveira e De Sá e De Paulo (2019).

Camargo (2018) e Bruno (2018) são autores da área da Educação Física e produzem pesquisas especificamente sobre a dança, sendo esta a temática central nos seus trabalhos de conclusão de curso. Em ambos os textos, o *voguing* aparece como uma das danças possíveis em suas respectivas discussões, embora Bruno (2018) identifique mais elementos e características do *voguing* no Brasil. Os textos de Berte (2014a e 2014b) problematizam as possíveis relações corpo-imagem, tema que abre

espaço para o diálogo com o *voguing*, o que acontece de uma maneira geral na tese e de maneira mais circunscrita no artigo. Por fim, observei que De Lima e Oliveira o texto de De Sá e De Paulo (2019) analisa como a dança *voguing* é utilizada como recurso estético nas apresentações do carnaval das escolas de samba.

Os textos de Sierra et. al. (2016), Parrine (2017), Corrêa (2017) e Sales e Mello (2017) citam, mesmo que de maneira breve, o *voguing* como uma possibilidade relacionada à dança dentro do universo do *ballroom*, entretanto, estão ocupados com outras análises, de modo que não dão destaque ao tema para além do objetivo de contextualizar historicamente e, portanto, não discorrem sobre o assunto dança. Todos estes autores citam o *voguing* a partir do filme *Paris Is Burning*.

No último eixo temático com que busquei agrupar os textos quis concentrar aqueles que abordavam diretamente os fenômenos *voguing* e cultura *ballroom* no Brasil. Trata-se dos textos que possuem como assunto principal a análise dessas manifestações, entendendo-as também como pertencentes a um contexto brasileiro (CRUZ, 2017; SANTOS, 2018). Ambos os trabalhos possuem a característica de serem pesquisa de campo, situadas em Belo Horizonte.

A pesquisa de Cruz (2017) se ocupa de registrar e levantar discussões sobre uma festa na cidade que pega emprestado diversos elementos do *ballroom* norte americano, inclusive no quesito de batalhas em categorias, mas que não pretende reproduzir diretamente o funcionamento de uma *ball*. Santos (2018), por outro lado, opta por registrar um evento análogo às *balls* novaiorquinas que, inclusive, se anuncia como uma *ball* internacional e que têm a participação de sujeitos como professores e jurados vinculados diretamente à origem do *ballroom* nos Estados Unidos e de outras partes do mundo. Estes são os únicos textos que tratam o *voguing*, o *ballroom* e as possibilidades que surgem a partir dessas manifestações no Brasil como “o” ou “um dos” objetos principais do estudo.

Com relação ao critério de classificação “assuntos tratados” temos, então, os seguintes quadros:

Quanto aos assuntos tratados			
Textos (por autor, título e ano)	EIXO 1 Gênero e Sexualidade	EIXO 2 Dança	EIXO 3 *Voguing* e *Ballroom* no Brasil
DE LIMA, Edson Flávio Guilherme; OLIVEIRA, Natália Cybelle Lima. Dance your PhD 2017: Uma análise da representatividade de gênero e sexualidade no vídeo “Pop, Dip and Spin: The Legendary Biosensor For Forensic Sciences”. **temas IMESC**. 2018.	Sim	Sim	–
BRUNO, Igor Valentim. **Concepções heteronormativas de gênero masculino e suas implicações nas aulas de dança**. 2018.	Sim	Sim	–
DE SÁ, Simone Pereira; DE PAULO, Rodolfo Viana. Strike a pose! A mediação do videoclipe "Vogue" em performance do Carnaval carioca. **Comunicação, Mídia e Consumo**. 2019.	Sim	Sim	–
FERNANDES JÚNIOR, Aroldo Santos. **Biscoitos Caseiros:** Camp, Solidão e Violência nas videoperformances caseiras “Rest of your Life” “Single Man Dances to Single Ladies” e “Madimoizele Gessyu – Sorte”. 2012.	Sim	–	–
SIERRA, Jamil Cabral; NOGUEIRA, Juslaine Abreu; MIKOS, Camila Macedo Ferreira. Paris still Burning? – Sobre o que a noção de performatividade de gênero ainda pode dizer a um Cinema Queer. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**. 2016.	Sim	–	–
SALES, Nicolas; MELLO, Jamer. A voz queer no documentário Paris Is Burning. **Revista Passagens**. 2017.	Sim	–	–
CORRÊA, Ademir Silveira. **Cinema Queerité:** Gêneros e Identidades Minoritárias no Documentário Paris is Burning. 2017.	Sim	–	–
PARRINE, Raquel. Construção de gênero, laços afetivos e luto em Paris Is Burning. **Revista Estudos Feministas**. 2017.	Sim	–	–

Quanto aos assuntos tratados			
Textos (por autor, título e ano)	EIXO 1 Gênero e Sexualidade	EIXO 2 Dança	EIXO 3 *Voguing* e *Ballroom* no Brasil
CRUZ, Izabel Marques. **O FERVO TAMBÉM É LUTA:** A questão da identidade no Duelo de Vogue em Belo Horizonte. 2017.	Sim	–	Sim
SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms.** 2018.	Sim	–	Sim
CAMARGO, Cléia de Andrade. **Cultura Hip Hop:** A influência da dança de rua na motivação dos praticantes da cidade de Curitiba. 2014.	–	Sim	–
BERTE, Odailso. Vogue: dança a partir de relações corpo-imagem. **Dança**. 2014.	–	Sim	–
BERTE, Odailso. **Corpos se (mo)vendo com imagens e afetos:** dança e pedagogias culturais. 2014.	–	Sim	–

5. SÍNTESE REFLEXIVA

Busquei em meu estudo identificar, localizar e mapear como se configura a discussão sobre *voguing* e cultura *ballroom* no Brasil atualmente. Constatei que esses são temas sobre os quais ainda pouco se fala no ambiente acadêmico, tendo como indicador dessa afirmação a dificuldade de encontrar publicações nas bases que privilegiei. Nelas, localizei somente treze trabalhos que puderam ser encontrados e acessados. Destes, a maior parte contribui com a sistematização de informações e percepções em relação ao histórico do *ballroom* nos Estados Unidos, principalmente a partir da análise do filme *Paris Is Burning* e, entretanto, somente três textos falam de consequências culturais diretas desse fenômeno no Brasil (CRUZ, 2017; SANTOS, 2018; BRUNO, 2018). Ainda é possível destacar que, desses três trabalhos, somente o de Santos (2018) estuda a realização de um evento que nos permite ver e compreender a realização de *balls* no Brasil, notadamente em Belo Horizonte. Coube aos outros trabalhos recortes específicos que apenas eventualmente esbarraram na tematização do *ballroom* como uma cultura ou no *voguing* como dança.

Esses dados apontam que estamos tratando, pois, de um tema extremamente periférico, tanto no que diz respeito a sua abordagem como estudo de movimentos culturais como de gênero. Há relevância em todos os textos estudados, pois eles expressam o que está posto sobre o *voguing* e o *ballroom* no ambiente acadêmico atualmente. O processo de sistematizá-los nos ajuda a levantar questões e problematizações, e eventualmente levantar hipóteses para equacionar algumas dúvidas.

A primeira questão que me ocorre é tentar entender por que esse tema é tão pouco discutido, e quando é, porque quase nunca de maneira central. Discutir o *voguing* e o *ballroom* é falar de um tema que parece ser muito pontual e circunscrito a um espaço muito próprio, sem visibilidade nas grandes mídias. Os trabalhos analisados corroboram com a construção dessa hipótese ao observarmos a quase que exclusiva utilização do documentário *Paris Is Burning* e do videoclipe da Madonna por parte dos

autores para tratar do tema, ambos advindos de um mesmo momento histórico dos anos 90 em que o tema estava em voga. Santos (2018, p. 73), parece também ter se deparado com essa questão, ao afirmar que

> Percebe-se, aqui, que mesmo após vinte anos desde o sucesso *mainstream* obtido pelos *Ballrooms* no começo dos anos 1990, a sua disseminação para públicos externos à esses contextos, de forma majoritária, ainda continua sendo o documentário de Livingston e o videoclipe de Madonna (...) Isso pode tanto representar a qualidade dessas representações dos *Ballrooms* dentro da cultura popular, como também pode demonstrar ainda o caráter *underground*, ou seja, pouco conhecido nos grupos exteriores a seus espaços de socialização, dessas comunidades LGBTs dos *Ballrooms*.

Observei também que, do ponto de vista da circulação e da abrangência de público, há que se pensar que a música da artista Madonna parece ter tido um papel ainda mais relevante naquele contexto, por trazer o tema não na forma de um documentário, como no caso de Jennie Livingston, mas em forma de música pop, palpável para um número ainda maior de pessoas.

Essa questão parece ganhar eco na análise de vários autores aqui estudados. Sierra et. al (2016) enfatizam o papel de ambas as obras para jogar luzes sobre a cultura *ballroom* e o *voguing* e sua relevância naquele momento. Para além disso, destacam também o poder de influência da cantora pop ao dizer que ela "tem ditado moda há muito tempo e tudo que ela lança é garantia de sucesso, especialmente entre o público LGBT" (SIERRA ET AL., 2016, p. 6). A essa percepção, se soma a de Berte (2014a, p. 72), para quem "o videoclipe 'Vogue', veiculou, por meio de suas imagens, a dança vogue antes restrita ao submundo gay estadunidense no contexto da ball culture". Além disso, na avaliação de De Sá e De Paulo (2019, p. 379), a cantora: "(...) se apropria de elementos da cena LGBT nova iorquina, por ocasião da criação da canção e do videoclipe de '*Vogue'*, transformando essa dança vinda do *underground* numa referência para a cultura *pop*". Os textos de Berte (2014a e 2014b) e De Sá e De Paulo (2019) sinalizam ainda que o vídeo deu visibilidade ao *ballroom* e ao *voguing*, tanto pelo que é veiculado sobre a dança no clipe, como, provavelmente, pelo próprio nome

dado ao vídeo e a canção (*vogue*). Os indícios são que, se não fosse a Madonna, o tema não teria a mesma projeção.

Uma terceira questão a se pensar é sobre o (aparente) vácuo deixado após o *boom* decorrente da veiculação dessas duas obras. Considerando que lá se vão 30 anos, não haveria uma carência de outras referências tão importantes quanto as produções de Jennie Livingston e da Madonna? Ao se constatar a centralidade dessas obras nos trabalhos encontrados, parece que a resposta seria sim. Entretanto, há pistas do contrário, de que essa cultura continuou existindo, se afirmando e evoluindo e, mais, de que outras manifestações e obras foram produzidas a partir dela. É essa a análise de Sierra et. al. (2016, p. 8):

> Enquanto o momento de auge da cena do *balls* foi breve, durou mesmo uma década mais ou menos – e muitos legendários, incluindo *Corey e Ninja*, foram perdidos para a AIDS – a cultura dos *balls* continuou a prosperar, como retratado em um documentário mais recente chamado *How Do I Look* (2006), de Wolfgang Busch. Com a ajuda de revistas, sites e blogs, a cena dos *balls* se estendeu muito além das suas origens (...)

Santos (2018) foi outro autor teve acesso ao documentário *How Do I Look*, e utiliza suas informações também como referência ao traçar o histórico do *ballroom* nos Estados Unidos. Uma análise comparativa entre *Paris Is Burning* e *How Do I Look* pode ser uma interessante possibilidade de um estudo futuro.

Outra questão importante é que, dos 90 para cá, com o aparecimento da internet, o mundo foi gradualmente derrubando as barreiras do que era autorizado a ser público. O acesso aos mais diversos conteúdos é agora facilitado por conta da internet, recurso que democratiza o acesso aos mais diferentes tipos de informações e destrói as barreiras do que pode e do que não pode ser digno de visibilidade. Fernandes Junior (2012, p. 20) é exemplo disso ao falar sobre o youtube, uma plataforma de vídeos bastante popular que: “dissemina a possibilidade de vozes comuns serem ouvidas e

eventos cotidianos e corriqueiros serem vistos em várias partes do globo, gratuitamente". O *voguing* e o *ballroom* não ficam de fora disso.

Indícios de que essa cultura continua prosperando são constantes, a exemplo, videos diveros, matérias de jornais, revistas, blogs e redes sociais foram encontrados e citados com frequência nos trabalhos pesquisados. De Sá e De Paulo (2019) obtém informações a partir de matérias para blogs. De Lima e Oliveira (2018) tecem seu trabalho todo a partir da análise de um vídeo viral[23] produzido pelos próprios autores, e Santos (2018) possui diversas referências ao longo de seu texto na forma de imagens e links de vídeos, falando principalmente sobre o cenário brasileiro.

E sobre o cenário brasileiro? Eis a síntese do que encontrei. Para Bruno (2018, p. 20) "A cena do vogue dance no campo nacional brasileiro está em fase de ascensão. O Brasil atualmente promove diversos eventos com esta temática em âmbitos regionais, nacionais e internacionais, conhecidos também como 'Balls'". O autor afirma ainda que a capital Recife, em 2018, sediou e promoveu uma edição do maior festival internacional de *voguing* do Brasil, sendo este o mesmo evento que Santos (2018) investigou em 2016 em Belo Horizonte. O festival, chamado *Vogue Fever*, contém uma série de atividades, com destaque para os *workshops* de *voguing* e uma *ball* no último dia de evento. A edição de Belo Horizonte é também mencionada por Cruz (2017).

Identificar as justificativas e os assuntos principais dos autores para produzir seus estudos sobre esse universo me ajudou a entender, também, a relevância dessas produções acadêmicas, e de que maneira elas podem contribuir para compreendermos o tema e sua incidência no país.

[23] Vídeo "*Dance Your PHD 2017 – Pop, Dip and Spin: The Legendary Biosensor For Forensic Sciences*" disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=juP2YjZBn0c

Constatei de imediato uma grande aproximação do tema com as ciências humanas, já que a maior parte dos textos se ocupa de analisar principalmente questões relacionadas à gênero, sexualidade e cultura. Aqui, há também uma relação estreita com o documentário de Jennie Livingston. Embora seja usado na maior parte dos textos, ele geralmente tem um papel mais central para os autores que focam nas questões de gênero, sexualidade e cultura. Ademais, as menos frequentes aproximações do tema com a dança citam mais comumente o videoclipe da Madonna ou, como no caso de Camargo (2014), relacionam a manifestação ao universo das danças de rua.

Deste modo, e tendo em vista o quadro estruturado a partir das publicações encontradas, é possível inferir que o tema *voguing* parece estar mais próximo da Educação Física e da Dança, enquanto o tema cultura *ballroom* parece estar mais próximo à área da Comunicação e das Ciências Sociais.

Vale comentar, também, o uso dos diferentes termos empregados na fase inicial de minha pesquisa, por ocasião do levantamento de textos acadêmicos junto às bases de dados, e observar o que esses usos sugerem sobre o modo como as pesquisas sobre voguing e cultura ballroom são produzidas aqui no Brasil e sobre como os autores e o ambiente acadêmico se organizam em relação a esses temas.

Olhemos, então, para os termos empregados na busca de publicações: foram os termos mais específicos (voguing, ballroom e cultura ballroom) que retornaram menos resultados, e por vezes, em algumas bases de dados, resultado nenhum[24]. É interessante sublinhar que esses são os termos mais precisos para nominar esses assuntos e, também, os mais frequentemente utilizados para acessar esses conteúdos nas mídias extraoficiais. A palavra *vogue* é mais difundida no meio

[24] Esse foi o caso da plataforma Scielo e do recurso de busca dos anais do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, que não retornaram resultados ao se pesquisar esses termos.

acadêmico e retorna mais resultados, dado que a maior parte dos textos se refere à dança como *vogue*, mas, também, porque é a tradução para o termo voga (“estar em voga”) em assuntos que necessariamente nada tem a ver com a dança *voguing* – textos esses que foram sumariamente desconsiderados.

Já o título do documentário de Jennie Livingston “*Paris Is Burning*” foi o termo-chave que mais retornou resultados, embora, também nesse caso, muitos textos tenham sido descartados pela fraca relação que tinham com o propósito deste estudo. Esse dado sinaliza que a influência do filme sobre o debate da cultura *ballroom* é incontestável.

Os achados de Santos (2018) através da plataforma de pesquisa *Google Trends* corroboram com o quadro dos termos pesquisados, com as palavras *voguing* e *vogue* retornando um número muito menor de resultados em relação ao termo *Paris Is Burning*:

> (...) o que, em uma suposição, pode reafirmar a falta de conhecimento das pessoas sobre a existência da cultura dos *Ballrooms*, fazendo com que elas enxerguem o voguing apenas com um estilo de dança isolado, sem uma história que depende da dos *Ballrooms*. (SANTOS, 2018, p. 74)

Essa sugestão suscita reflexões sobre o pouco conhecimento acerca do tema e a consequente falta de consolidação, no Brasil, do uso dos termos relacionados à essa cultura. Diferentes autores trabalham com diferentes termos, sendo que há uma tendência a se referir à dança como *voguing*, como referenciado em *Paris Is Burning*. Essa escolha terminológica se expressa em Fernandes Junior (2012), Sierra et. al. (2016), Corrêa (2017), Sales e Mello (2017). Já Berte (2014a e 2014b) usa o termo *vogue*, provavelmente por associar a dança com o videoclipe da Madonna e, por consequência, a maior parte dos autores que citam Berte tendem a nomear a dança também como *vogue* (DE SÁ; DE PAULO, 2018; BRUNO, 2018). Percebi, ainda, o uso indiscriminado de termos, como em Camargo (2014), que se vale de *Vogue*,

Vogue In Dance ou *Voguing*, mas que também trabalha principalmente com o termo *vogue*.

A respeito dos termos relacionados à cultura *ballroom*, não há muitas diferenciações, tendo em vista que poucos trabalhos pretendem uma abordagem desse movimento no Brasil. A tendência, portanto, é o uso do termo *ballroom*, principalmente quando relacionado à alguma análise de Paris Is Burning. Menos frequentemente, mas também relacionado, aparece o termo *ball* para falar das festas, mas, geralmente tanto *ballroom* quanto *ball* são referenciado simplesmente como “bailes” (CORRÊA, 2017; PARRINE, 2017; SALES E MELLO, 2017). Berte (2014a e 2014b) utiliza o termo em inglês *ball culture*. Santos (2018) é provavelmente o único trabalho que considera o *ballroom* como uma cultura também existente no Brasil, e se refere ao tema como cultura dos *ballrooms*. Ele escolheu tal designação a partir da mesma terminologia em inglês, *ballroom scene*, adotada por um autor norte americano em seu estudo etnográfico na cidade de Detroit.

Considerar as regiões brasileiras na quais os estudos de campo são realizados foi também parte do meu processo reflexivo. Apesar de que os textos, de um modo geral, não se preocuparam em identificar o histórico desse movimento no país, diversas relações podem ser feitas com os locais em que ele parece ter maior incidência.

A região sudeste tem grande destaque nesse ponto, em específico o estado de Minas Gerais e a cidade de Belo Horizonte, visto que é onde dois dos mais importantes trabalhos que consideram essa cultura no país foram realizados (CRUZ, 2017; SANTOS, 2018). “Sem dúvidas, a grande efervescência da cultura dos *Ballrooms* no Brasil se dá atualmente na cidade de Belo Horizonte” (SANTOS, 2018, p. 75). Há também o trabalho de De Sá e De Paulo (2019), que mostra como aspectos dessa dança são frequentes no carnaval do Rio de Janeiro. Cidades como Florianópolis e Recife aparecem em outros trabalhos (DE LIMA; OLIVEIRA, 2017; BRUNO, 2018) mas com menor peso ao se tratar de cultura, já que se tratam, em princípios, apenas

das localidades onde os estudos foram realizados, sem uma relação direta com uma cena *ballroom* nas regiões.

Um motivo de a cena do *voguing* e do *ballroom* no Brasil ter despontado mais rapidamente em Belo Horizonte é apontado por Cruz (2017) e, provavelmente, está relacionado com o trabalho do organizador da festa que foi assunto da sua pesquisa:

> Ainda que o documentário '*Paris Is Burning'* seja do conhecimento dos entrevistados, sendo inclusive a referência inicial da comunidade LGBT sobre o Vogue, a forma como o *Vogue* se difundiu em Belo Horizonte tem uma história singular, ligada à festa Dengue. (CRUZ, 2017, p. 69).

Cruz (2017) e Santos (2018), constroem narrativas para tentar explicar como esse movimento ganha força em Belo Horizonte, destacando o papel de algumas plataformas e pessoas envolvidas nesse processo, como o website *BH Is Voguing*, o grupo de dança *Trio Lipstick* e o próprio evento *BH Vogue Fever*. Os sujeitos se relacionam nessas narrativas, com o organizador da festa Dengue sendo o apresentador da Ball do *BH Vogue Fever*, as meninas do *Trio Lipstick* estando também ligadas ao website *BH Is Voguing*, entre outros.

> Em Belo Horizonte, pessoas envolvidas com a dança criaram o festival BH Vogue Fever, que conta com workshops, aulas e um evento final, onde ocorrem os duelos. Com participação de pessoas do Brasil e do mundo, nesse festival, referências internacionais do estilo Vogue são convidadas para passarem seus conhecimentos nas aulas e nos workshops e comandarem, junto ao organizador da Dengue, uma festa onde ocorrem as competições. (CRUZ, 2017, p.42).

O fato de o *BH Vogue Fever* reunir participantes de várias partes do Brasil e da América Latina pode ser fator que contribui para a disseminação do *voguing* para o resto do país e do mundo a partir da cidade mineira, constatada a partir dos autores citados como um dos locais onde essa cultura se manifesta com mais força.

O estudo do *voguing* e do *ballroom* no Brasil, no entanto, se mostra ao mesmo tempo como algo ainda carente ao se observar o período em que os textos foram publicados, sendo Fernandes Junior (2012) o autor que tem o estudo mais antigo sobre o tema no Brasil, e seu texto é de sete anos atrás. A maior parte das publicações data de 2016 para frente, o que pode sugerir que este é ainda um tema que está iniciando sua história no país, tanto academicamente quanto como cultura. É constatado que Berte (2014a) é citado em outros trabalhos, provavelmente em função de ter sido o único e possivelmente o primeiro artigo publicado em revista no Brasil sobre o *voguing*, de modo que o que o autor escreveu é replicado por outros autores.

Outra dificuldade encontrada para se inferir a partir desses movimentos diz respeito à verificação das fontes das publicações utilizadas, visto que por vezes não foi possível identificar com clareza quais eram as referências para se tratar da história do *voguing* e do *ballroom*, à exemplo do texto de De Lima e Oliveira (2017). Além disso, houve dificuldades em verificar a procedência das informações do texto de Camargo (2014), que se utilizou em princípio de duas fontes. A primeira não foi possível acessar por se tratar de uma revista sem cunho acadêmico, além de haver uma incoerência nas suas referências em relação ao outro trabalho citado.

As dificuldades residiram também em deslizes estruturais no corpo de alguns dos trabalhos. A falta de revisão de algumas citações é notável no texto de Bruno (2018) ao citar Berte (2014a), que dificultam a conferência do referencial, ainda mais crítico considerando que esta é a única referência que o autor utiliza além do filme *Paris Is Burning*.

Não identifiquei estudos publicados pela área da Educação Física, que analisassem o *voguing* e a cultura *ballroom* como cerne de sua temática, tanto do ponto de vista da expressão cultural quanto pensando na cultura corporal de movimento, ou mesmo das práticas da dança. De fato, o tema apareceu poucas vezes relacionado à Educação Física. Os autores das áreas da Educação Física e da Dança que em suas pesquisas falam do *voguing* no Brasil não intentaram se aprofundar nessa expressão.

Talvez a dificuldade de aprofundamento resida na dificuldade de encontrar publicações e outras referências sobre o tema além das duas obras de 1990, o documentário de Jennie Livingston e a música da artista Madonna.

E se já existem dificuldades de encontrar outras referências de peso lá fora, no Brasil o quadro é ainda menos promissor. Não há ainda nada produzido no país, tanto na forma de uma publicação altamente relevante quanto de uma produção audiovisual influente, com a característica de documentário ou não, que exista de apoio para que os pesquisadores possam se embasar para levantar discussões e análises sobre o *voguing* e o *ballroom*.

O tema por aqui dá seus primeiros passos. As pesquisas encontradas são capazes de identificar os elementos chaves dessa cultura, mas dada a carência de referencial, o aprofundamento das reflexões é ainda escasso.

Uma série de questões ainda podem ser problematizadas, tanto a partir das referências que já estão postas quanto pelas informações comumente veiculadas dessa cultura. Há autores, por exemplo, que iniciam reflexões sobre gênero e sexualidade a partir do filme, aproximando a cultura *ballroom* da teoria *queer* e de importantes pensadores dessa área (PARRINE, 2017; CORRÊA, 2017) mas, todas essas ponderações podem ainda ser fortalecidas e aprofundadas identificando o caráter de regionalidade da manifestação do *voguing* e do ballroom, pensando no estudo desse movimento no Brasil.

Outras interessantes discussões são levantadas, como as práticas subversivas de controle do *ballroom* norte americano em relação ao resto do mundo a partir da linguagem (SANTOS, 2018) e o uso dos elementos da linguagem do *voguing* em diferentes produções e performances (BERTE, 2014; DE SÁ; DE PAULO, 2018) mas, aproximar dança, gênero e sexualidade com enfoque no *voguing* e no *ballroom* no Brasil é uma tarefa que ainda nenhum autor se propôs a fazer na íntegra.

Por isto, traçar os paralelos com outros autores que já discutem a dança, gênero e sexualidade tratado de outras linguagens é ainda distante. Para que seja possível uma análise satisfatória das linguagens do *voguing* e do *ballroom*, é necessário primeiro um entendimento satisfatório do que esses movimentos significam no contexto brasileiro.

Propor outras pesquisas para entender o funcionamento desse universo e posteriormente discuti-lo de maneira aprofundada é fundamental. O teor etnográfico dos trabalhos de Cruz (2017) e Santos (2018) são o que mais se aproximam dessa empreitada, e nos dão o indicativo do caminho que pode ser trilhado para uma pesquisa futura, extensa e detalhada sobre a organização desse movimento.

6. CONCLUSÃO

Essa pesquisa buscou sistematizar e analisar o que está posto no ambiente acadêmico sobre *voguing* e cultura *ballroom*. Para tal, primeiro contextualizei o histórico desses movimentos a partir de referências que os projetaram para o mundo na década de 90, o documentário *Paris Is Burning* e o videoclipe e a música *Vogue* da Madonna. Feito isso, o processo focou no levantamento das publicações acadêmicas no Brasil que falassem desses temas, sendo selecionados treze textos que considerei relevantes para o propósito deste estudo. A subsequente construção de critérios de classificação e o agrupamento dos textos sob esses critérios favorece o acesso aos temas e é capaz de dar pistas de como anda o cenário do *voguing* e do *ballroom* no Brasil.

Em minha análise, portanto, foi possível constatar que a maior parte dos estudos tem a característica de pesquisa documental, e o documentário e o videoclipe citados anteriormente são ainda as principais referências no ambiente acadêmico para falar desses movimentos. Isso contribui para que o histórico norte americano dessas manifestações seja consideravelmente bem fundamentado, considerando a frequência com que ele é retratado nas publicações. Constatou-se, também, no momento do levantamento, que é relativamente mais fácil encontrar publicações acadêmicas em inglês sobre o tema. Mesmo assim, não foi comum aos autores brasileiros encontrados se utilizar de referencial em inglês.

O *voguing* e o *ballroom* têm ganhado mais espaço no mundo com o advento da internet, visto que outras referências utilizadas para consultar esses temas geralmente são informações veiculadas online, extraídas de blogs, sites especializados e plataformas como o youtube. Apesar disso, essas referências não têm/tiveram o mesmo impacto que *Paris Is Burning* e o videoclipe da Madonna.

As áreas que produziram estudos que citam o *voguing* e o *ballroom* variam, mas os textos são principalmente das ciências sociais e das artes, com apenas três publicações ligadas a Dança e a Educação Física. Os assuntos abordados também são diversos, mas estão principalmente ligados a discussões de gênero e sexualidade na cultura *ballroom*, principalmente pelos autores relacionados às Ciências Sociais e a Comunicação. A discussão da dança *voguing* aparece de maneira mais incidental, geralmente relacionada aos textos da Educação Física e da Dança.

As publicações encontradas contribuem em muito para lançar luz sobre essa cultura e entender diversos aspectos relacionados ao *voguing* e o *ballroom*, mas quase sempre estão restritas a pensar no seu contexto norte americano. Infelizmente, a aproximação desse tema com o cenário brasileiro foi menos frequente, o que provavelmente se relaciona com a falta de produções relevantes que comprovem e falem sobre esses fenômenos no país.

Entende-se que, de modo geral, o *voguing* e o *ballroom* ainda têm pouco espaço no ambiente acadêmico, uma vez que pouco foi proposto de estudos sobre o tema. Os textos são relativamente recentes, sua maioria de no máximo três anos atrás. O quadro ainda é nebuloso ao se pensar na origem e desenvolvimento dessa cultura e dança no Brasil, já que os autores demonstraram pouca inclinação a se dedicar a essa análise. Além disso, nenhum dos trabalhos optou por aprofundar discussões sobre o *voguing* e a cultura *ballroom* a partir da aproximação das temáticas dança, gênero e sexualidade.

Observa-se que o *voguing* e o *ballroom* se estruturam como movimentos que não são facilmente veiculados e se afastam da hegemonia das mídias. Soma-se a isso o escasso quadro de registros acadêmicos sobre a ocorrência das *balls* e da organização de *houses* no país: estas são comprovadas quase sempre de maneira informal, o que acaba contribuindo para reiterar o caráter de marginalidade desses eventos.

O *voguing* e o *ballroom* colocam em foco discussões importantes sobre gênero e sexualidade, principalmente por equacionar esses temas de maneira muito distinta. Permitem questionar uma série de normas e padrões e por isso, se mostram como importante forma de identificação e autoafirmação a diversos sujeitos. Me parece extremamente relevante colocar esses fenômenos em foco no ambiente acadêmico, espaço que ainda pouco discute esse universo.

Ao mesmo tempo, um quadro que parece pouco promissor por ter pouco material desenvolvido sobre ele pode na verdade indicar inúmeras novas possibilidades de estudo. A proposta com esta monografia é, a partir do panorama traçado, fomentar movimentos de pesquisa que caminhem no sentido dessas possibilidades. Afinal, entende-se a necessidade de aprofundar ainda mais o estudo sobre esses temas, principalmente na forma de pesquisas de campo, que sejam capazes de investigar fenômenos como as *balls* e a formação de *houses*, ou ainda que busquem construir um panorama histórico, investigando como o *voguing* e do *ballroom* se desenvolveram (e se desenvolvem) em território brasileiro.

REFERÊNCIAS

ANDREOLI, G. S. Representações de masculinidade na dança contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v.17, n. 01, p. 159-175, jan./mar. 2011.

BERTE, Odailso. **Corpos se (mo)vendo com imagens e afetos:** dança e pedagogias culturais. 2014. 338 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4070>. Acesso em: 1 de ago. de 2019.

BERTE, Odailso. Vogue: dança a partir de relações corpo-imagem. **Dança**, Salvador, v. 3, n. 2 p. 69-80, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/13338>. Acesso em: 2 de jul. de 2019.

BRUNO, Igor Valentim. **Concepções heteronormativas de gênero masculino e suas implicações nas aulas de dança**. 2018. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/191975/TCC%20Igor.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 de jul. de 2019.

BURT, R. **The male dancer**: bodies, spectacle, sexualities. 2. ed. London: Routledge, 2007.

CAMARGO, Cléia de Andrade. **Cultura Hip Hop:** A influência da dança de rua na motivação dos praticantes da cidade de Curitiba. 2014. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3182/1/CT_COEFI_2014_1_02.pdf>. Acesso em: 22 de jul. de 2019.

CORRÊA, Ademir Silveira. **Cinema Queerité:** Gêneros e Identidades Minoritárias no Documentário Paris is Burning. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo. Disponível em: <http://sitios.anhembi.br/tedesimplificado/handle/TEDE/1747>. Acesso em: 17 de jun. de 2019.

CRUZ, Izabel Marques. **O FERVO TAMBÉM É LUTA:** A questão da identidade no Duelo de Vogue em Belo Horizonte. 2017. 95 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos). Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5638214>. Acesso em 15 de jun. de 2019.

DE LIMA, Edson Flávio Guilherme; OLIVEIRA, Natália Cybelle Lima. Dance your PhD 2017: Uma análise da representatividade de gênero e sexualidade no vídeo “Pop, Dip and Spin: The Legendary Biosensor For Forensic Sciences”. **temas IMESC**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 44, jan. 2018. Disponível em: <http://www.imesc.sp.gov.br/Revistas/RevistatemasIMESC-JUN2018.pdf#page=44>. Acesso em: 12 de jul. de 2019

DE SÁ, Simone Pereira; DE PAULO, Rodolfo Viana. Strike a pose! A mediação do videoclipe "Vogue" em performance do Carnaval carioca. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v.16, n.46, p.376-396, mai./ago. 2019. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1901>. Acesso em: 18 de ago. de 2019.

FERNANDES JÚNIOR, Aroldo Santos. **Biscoitos Caseiros:** Camp, Solidão e Violência nas videoperformances caseiras “Rest of your Life” “Single Man Dances to Single Ladies” e “Madimoizele Gessyu – Sorte”. 2012. 111 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Dança e Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8939>. Acesso em: 12 de nov. de 2019.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo, Atlas, 2002.

HANNA, J. L. **Dança, Sexo e Gênero**. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PARIS Is Burning. Direção: Jennie Livingston. Produção Jennie Livingston. Estados Unidos: Art Matters Inc.,1990.

PARRINE, Raquel. Construção de gênero, laços afetivos e luto em Paris Is Burning. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1419-1436, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44832>. Acesso em: 2 de jun. de 2019.

SALES, Nicolas; MELLO, Jamer. A voz queer no documentário Paris Is Burning. **Revista Passagens**, Ceará, v. 8, n.1, p. 1-18, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/passagens/article/view/20247>. Acesso em: 20 de jul. de 2019

SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms.** 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada na área de Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/331699>. Acesso em: 19 de jun. de 2019.

SIERRA, Jamil Cabral; NOGUEIRA, Juslaine Abreu; MIKOS, Camila Macedo Ferreira. Paris still Burning? – Sobre o que a noção de performatividade de gênero ainda pode dizer a um Cinema Queer. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 18, n. 38, p. 26-49, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2231>. Acesso em: 10 de jul. de 2019